REVISTA

IBEF®

INSTITUTO BRASILEIRO DE EXECUTIVOS DE FINANÇAS

ANO XV - NÚMERO 83 - BIMESTRAL - 2019
www.ibefrio.org.br

Jorge Adayme, diretor do Grupo ABC Mais

Pedro Dutra: PPP, contraprestações e garantias

Claudio Moysés: transformações e sobrevivência da indústria

Geraldo Coelho, da Bloomberg: tesouraria, práticas obsoletas

Wesley Garcia, da Russell Bedford: expandir e fortalecer negócios

IBEF
Rio de Janeiro

DPZ&T
Buscando um parceiro
para todas as suas buscas?
"O Itaú está muito linkado nas coisas que eu gosto de fazer. A bike, o cinema, o além da palavra banco."
Sol | Cliente Itaú
Para as pequenas e as grandes buscas da vida, conta com a gente. Conheça as histórias de outros clientes e mande a sua: itau.com.br/depoimentos
Ainda não é cliente? Busque por:
App Itaú Abreconta
Itaú

Editorial

Boas Festas e Feliz 2020

Prezados leitores,

A **Revista IBEF** chega a dezembro na certeza de que como sempre, procurou levar a todos, artigos com temas da nossa economia e matérias importantes e de interesse geral para o Brasil.

Destacamos os executivos que foram capa da **Revista IBEF** em 2019: Phillipe Donnet, CEO da Generali Seguros; Roger Maciel, CEO da Russell Bedford Brasil; Renata Monteiro, presidente da Apsis Consultoria; Alfred Ploguer, presidente da Abrasca; Marcelo Gleiser, físico e escritor; Jorge Adayme, diretor da ABC Mais Turismo.

Nossos agradecimentos a todos que com matérias e artigos contribuíram com os interessantes conteúdos das edições de 2019. Agradecemos também às empresas que nos apoiaram com seus anúncios, nos dignificando com a exposição de suas marcas, produtos e serviços. Aos nossos colaboradores nosso muito obrigado pelo excelente trabalho realizado.

Marcos Chouin Varejão - Dezembro 2019

Índice

EDITORIAL.....1
Marcos Varejão.

CAPA.....2
Jorge Adayme, diretor do Grupo ABC Mais

NACIONAL.....4
Ipea prevê PIB de 0,8% este ano e 2,1% para 2020.

OPINIÃO.....6
Pedro Dutra - PPP: contraprestações e garantias.

NACIONAL.....8
Vivara realiza IPO.

OPINIÃO.....9
Geraldo Coelho: Tesouraria - práticas obsoletas são um problema para o Brasil.

SUSTENTABILIDADE.....10
Pesquisa conclui que a adaptação climática é uma oportunidade para mudanças transformadoras nas cidades.

OPINIÃO.....12
Alexandre Pierro: AAA - Gestão da Inovação - como preparar uma empresa para o futuro?

OPINIÃO.....13
Wesley Fernandes Tuaf Garcia: expandir, fortalecer e crescer negócios.

INTERNACIONAL.....14
Pesquisa revela que "Economia Salesforce"vai gerar 491 mil empregos e R$ 61,9 bilhões em receita com novos negócios no Brasil.

INTERNACIONAL.....15
Brasil e Israel firmam parceria para o desenvolvimento de produtos inovadores.

TURISMO.....16
Empresários chineses pretendem investir em resorts integrados no Brasil.

AGRONEGÓCIO.....17
América Latina - produção de proteína animal cresce 30% em dez anos e é oportunidade de negócios.

OPINIÃO.....18
Hector Silva: de olho no futuro - como o 5G impulsionará a próxima geração de jogos em dispositivos móveis.

ECONOMIA.....20
Manoela Ribeiro: investimento em infraestrutura - impulso para o crescimento econômico.

DAY TRADE.....22
Coluna de informação.

OPINIÃO.....26
Roberto Gerassi: a arte da excelência nos resultados pela valorização das pessoas.

ESTANTE.....27
Coluna sobre publicações editoriais.

NACIONAL.....28
XIV Forum IBEF Oil, Gas & Energy 2019.

NACIONAL.....30
Quando a matemática das bolhas de sabão ajuda a explicar os problemas da vida real.

OPINIÃO.....33
Karen Mansur Chuchene e Danielle Blanchet: representação comercial - os riscos de um passivo oculto.

OPINIÃO.....34
Mylena Cuenca: como atrair e reter a geração Z?

OPINIÃO.....35
René Dutra: criatura versus criador.

NACIONAL.....36
IFGF: Rio de Janeiro está entre os piores avaliados em ranking de gestão fiscal das capitais brasileiras.

JURISPRUDÊNCIA.....38
AGU defende competência do TCU para decretar indisponibilidade de bens.

OPINIÃO.....40
Cláudio Moysés: transformações exigem adaptação para sobrevivência da indústria.

Jorge Adayme, diretor do Grupo ABC Mais

Revista IBEF - Fale-nos sobre sua formação, seu currículo e carreira como executivo da área de turismo.

Engenheiro Civil de formação com pós-graduação em planejamento urbano. Troquei as construções pela "Engenharia de Turismo" desde 1986.

Revista IBEF - A ABC Turismo surgiu em 1955, portanto em 2020 estará fazendo 65 anos. Conte em palavras, a história da empresa, uma das maiores empresas na área, no eixo Rio-SP.

Imaginem quantos capítulos foram escritos nesses quase 65 anos. Desses, nos últimos 33 anos eu e minhas sócias passamos pelas maiores transformações na forma de fazer turismo, gerir viagens corporativas e dar asas aos sonhos de muitas pessoas. Antes da nossa gestão, a ABC Turismo foi muito reconhecida como uma agência da imensa colônia libanesa no Brasil, da qual por acaso fazemos parte como descendentes, tendo feito diversos fretamentos naqueles anos dourados da "Suíça do Oriente". Em 1986, associei-me ao amigo, querido até hoje, Omar Koury, e poucos meses depois uma outra amiga, de férias de infância na Praia da Costa. Angélica e seus bons anos de conhecimento no turismo, trouxe novas ideias e dinamismo para a empresa, que se reinventava incansavelmente como faz até hoje. Permanecemos juntos até 1999, quando Omar seguiu outro caminho e veio a Luciana. A partir daí, abrimos nosso braço paulista, a MTravel Turismo, que desde então forma a família ABC. Durante anos, o nosso foco permaneceu na indústria fonográfica e nesse universo da música. Ainda hoje, cuidamos de diversas turnês mundiais de artistas como Caetano, Gil, Mariza Monte, bandas, corais, espetáculos de ballet e orquestras, exportando e importando cultura e lazer. No lazer, em 1989 criamos o VIAJARTE que, este ano, completou 30 anos com as mais belas histórias de viagens com grupos de amigos mundo afora. Um conceito diferenciado onde o grupo é o mais importante e consegue fazer de qualquer lugar um cenário de experiências superespeciais. Do Havaí ao Vietnam, da Patagônia a Botswana, inesquecíveis capítulos que merecem um livro de memórias. Ali, já formamos muitas amizades, negócios entre amigos e até casamentos. Um filme de vida.

Revista IBEF - Qual o modelo organizacional e a estrutura que a empresa adota?

Com a chegada do nosso braço mais jovem, a Elemental.5, agência focada no mercado de live marketing e criação, e comandada pela nossa quarta sócia, Bruna. Somos três empresas no eixo Rio-SP formando o Grupo ABC Mais.

Dessa forma, fechamos uma atuação 360º no mercado de turismo , incentivo e eventos, com montagem de toda a logística, produção e criação para qualquer tamanho de evento com força competitiva. Buscamos constantemente modernizar a gestão, nos mantermos atentos às necessidades do mercado e fugindo das armadilhas que poderiam advir de uma estrutura familiar.

Investimos muito em tecnologia e no treinamento de nossos aproximados 100 colaboradores.

Por mais modernidade que busquemos, jamais perdemos a nossa essência de relacionamento humano com essa grande família.

Revista IBEF - A ABC Turismo faz parte do Grupo ABC MAIS, assim como a MTravel Turismo e a Elemental.5. Qual o foco, as áreas em que atuam, os planos e o grande diferencial dessas empresas?

ABC é mais focada na gestão corporativa e viagens a lazer. A MTravel tem seu principal foco nas viagens de incentivo e logística para eventos. A Elemental.5 na criação e produção de eventos, além de ativações para importantes marcas do mercado. Juntos, fazemos mais e buscamos nos diferenciar pelos custos competitivos.

Ainda assim, diria que nosso grande diferencial está na paixão com que os quatro sócios atuam em tempo integral. Cada um com sua forma de agir e pensar, com opiniões por vezes divergentes, como devem ser em qualquer estrutura, torna-se incrível que nesses 33 anos mantenhamos uma união e integração total. Não sem polêmicas e muito suor, mas sempre fortalecidos pela união com nossa equipe, que faz uma história de sucesso atestada por importantes clientes e fornecedores mantidos por muitos anos em nossa carteira. Portanto, nosso diferencial está na dedicação de toda equipe e na experiência e conhecimento técnico, o amor pelo trabalho que fazemos e a obsessão pelo sucesso de cada projeto.

Revista IBEF - O Brasil tem potencial turístico rico, mas que é desperdiçado por problemas estruturais. Qual sua opinião a respeito?

O Brasil precisa ser descoberto, antes de tudo, pelos brasileiros. O turismo interno pode ser muito maior. Falta sim estrutura, mas falta mais divulgação e incentivo. Inacreditável que, no verão, muitas pessoas optem por ir ao exterior depois de verificar o quão proibitivos são os preços do turismo interno. E por isso, acabam trocando nosso Pantanal ou o Nordeste pela Disney. Da mesma forma, a divulgação do Brasil no exterior está perdendo espaço para as notícias ruins de violência. Em 2020, de acordo com a OMT - Organização Mundial do Turismo, a receita mundial do turismo será 1,36 trilhões de dólares. Desse total, a América do Sul fica com 40 bilhões de dólares, ou seja, menos de 3% do total, e o Brasil com projeção de 10 bi, menos de 1% da receita mundial na indústria do turismo. Isso é muito reversível. Nosso potencial de crescimento de receita e geração de empregos é imenso.

Revista IBEF - A Catalunha é um verdadeiro motor econômico do turismo espanhol, que arrecadou 87 bilhões de euros em 2018. O que tem que ser feito para que o Rio de Janeiro, por sua beleza e potencial, siga esse modelo?

A Espanha é o 3º país que recebe mais turistas no mundo depois da França e dos Estados Unidos. Em arrecadação, perde apenas para os EUA e a China. Geograficamente, leva vantagem pela proximidade de tantos países e por ser uma das principais portas de entrada na Europa. Nossa cidade é maravilhosa! Disparadamente, o Rio de Janeiro é a cidade mais bonita do mundo. Tom Jobim disse a verdade absoluta. Nossa alma canta ao ver o Rio de Janeiro. Sou suspeito. Carioca de nascimento, vivo como constante turista fotografando nossa cidade. Pela janela de casa, pelo vidro do carro, pela janela do avião ou andando pela rua nos momentos mais improváveis.

Tivemos uma oportunidade de ouro com os Jogos Olímpicos de 2016 e capitalizamos algumas importantes melhorias com a ampliação do metrô, o VLT e a revitalização da região portuária. Faltou continuidade e interesse dos governos que se sucederam. Houve abandono do parque olímpico e obras incompletas. Objetivamente, é necessária uma reforma administrativa e tributária. O Rio não tem sorte com os governos eleitos há 40 anos. O estado carrega ainda o ranço da antiga capital da república e arca com um custo absurdo do funcionalismo público e, infelizmente, ainda com o maior nível de corrupção no país. Investimentos na educação, treinamentos de jovens para receber turistas, formação de guias. Mais transportes, como os ônibus em linhas circulares de turismo que existem em qualquer grande cidade do mundo, do tipo “drop in drop off”. Mas, principalmente, o aumento de policiamento de forma a coibir arrastões e roubos que tanto assustam e afastam nossos turistas.

O Rio tem a vocação do turismo e pode multiplicar trinta vezes o número de visitantes e a renda arrecadada com o turismo, que é a maior indústria geradora de empregos e renda no mundo.

Revista IBEF - Vocês têm um número grande de clientes, sendo que 65 % de vendas e faturamento com empresas de grande, médio e pequeno porte e 35% clientes pessoa física e viagens de lazer. Por favor, você pode nos contar um pouco sobre esses dados.

Temos a honra da confiança de diversas empresas que se mantém em nosso portfólio de clientes por muitos anos. Raros são os clientes que mudam, já que em um mercado tão competitivo, essa constância atesta a nossa qualidade. Vestimos a camisa de cada cliente e lutamos pelo interesse de cada um em cada viagem. Não obstante, o alto investimento na tecnologia e nos portais de gestão de viagens, nada

"Projeções no Brasil sempre são voláteis. Empresário no Brasil sofre com mudanças de regras constantes. São "heróis da resistência". Mas apesar disso tudo, gosto de olhar com otimismo e arriscar uma projeção de crescimento de 8 a 12% para os próximos dois anos."

substitui o olhar do consultor qualificado e a busca de condições diferenciadas caso a caso, além de contratos contemplando benefícios. Baixo turn over também. Natural que o faturamento das empresas com viagens seja maior do que a fatia do turismo lazer. Porém, esse voltou a crescer com maior velocidade nos últimos 3 anos.

Revista IBEF - Nas suas diversas viagens internacionais, a trabalho ou a lazer, o que destacaria que sempre chama sua atenção?

De entrada, a diferença de estrutura atestada pelo padrão dos aeroportos que são na maioria muito melhores do que a dos nossos. Depois, a segurança com que se pode andar pelas ruas sem a tensão que nos cerca no Brasil, mesmo em muitos países menos desenvolvidos do que o nosso. Como é bom poder caminhar a noite ou a qualquer hora sem essa preocupação.

Revista IBEF - O resultado financeiro da empresa em 2019 será alcançado? E para 2020 & 2021 qual a projeção de crescimento?

Sim. Depois de um período difícil entre 2014 a 2017, alcançamos um equilíbrio desejável em 2018 com viés de alta atingido esse ano. Projeções no Brasil sempre são voláteis. Empresário no Brasil sofre com mudanças de regras constantes. São "heróis da resistência". Mas apesar disso tudo, gosto de olhar com otimismo e arriscar uma projeção de crescimento de 8 a 12% para os próximos dois anos.

Revista IBEF - O avanço na implantação de modelos de Governança Corporativa mais consistentes tem tido efeitos positivos. Qual o impacto que isso tem nas empresas, grandes ou pequena, públicas ou privadas, no Brasil?

As empresas passam a ser obrigadas a se atualizar. Quem não se adapta acaba saindo do jogo. Regras de Compliance mais exigentes e restritas visam maior transparência e menos informalidade em todos os contratos. Se ambos os lados que negociam entendem que o negócio só é bom quando é bom para todos, o "ganha-ganha", então os modelos de Governança são positivos.

Revista IBEF - Qual sua opinião sobre o atual momento econômico brasileiro e mundial?

O cenário incerto na ordem mundial causa e explica os recentes sinais de desaceleração na economia mundial. Indefinições com o Brexit, tensões geopolíticas, protestos da Bolívia ao Líbano, sanções ao Irã, e a briga comercial da China com os Estados Unidos não deixam ninguém imune as consequências com as cadeias de produção cada vez mais integradas. No Brasil não é diferente, há um aumento de desconfiança. Investimentos nesse cenário é para os bravos. Ainda assim mantenho um olhar otimista. Nesse cenário surgem oportunidades.

Revista IBEF - Qual o seu hobby?

Viagens, fotografia e o meu Fluminense.

Revista IBEF - Para finalizar: uma frase, um pensamento!

"O sucesso não é necessário para a felicidade. A felicidade é necessária para o sucesso. Se você ama o que faz, você terá sucesso." Albert Schweitzer

Ipea prevê PIB de 0,8% para este ano e 2,1% para 2020

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) fez revisão das projeções econômicas até o ano que vem. A previsão é de um crescimento de 0,8% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2019, igual à da Carta anterior. Para 2020, expectativa de expansão de 2,5% foi revista para 2,1%. Os dados foram divulgados nesta quinta-feira, 26 pelo Grupo de Conjuntura do instituto.

No que diz respeito à inflação, a projeção foi revista de 3,9% para 3,55% este ano. Para 2020, o prognóstico se mantém em 3,9%. Para o diretor de Estudos e Políticas Macroeconômicas do Ipea, José Ronaldo de Castro Souza Júnior, a economia brasileira está numa retomada lenta, que pode se intensificar. "A forma de acelerar seria com a continuidade das reformas que viabilizam a retomada de investimentos em infraestrutura e a consolidação do ajuste fiscal", afirma.

A Visão Geral da Conjuntura prevê, ainda, um ritmo mais acelerado de redução da taxa de juros, com estabilização da taxa real em cerca de 1% a.a. no ano que vem. Em contrapartida, a trajetória de evolução da confiança da indústria está pior do que se esperava. O Indicador Ipea de Hiato do Produto, que mede o grau de ociosidade da economia brasileira, foi estimado em 3,0% em 2019 e deve fechar 2020 em 2,0%. Vale ressaltar que há duas ordens de fatores importantes na validação do ciclo de redução de taxa de juros: no curto prazo, ela reflete a inflação esperada inferior à meta e o hiato do produto ainda negativo; numa perspectiva de médio e longo prazos, ela decorre da melhoria da percepção de riscos associada aos avanços nas reformas estruturais.

Com relação ao cenário externo, as incertezas aumentaram e fragilizaram as perspectivas de crescimento mundial em razão de fatores como a proximidade do Brexit e a guerra comercial entre Estados Unidos e China. A crise na Argentina impactou negativamente as exportações brasileiras de produtos manufaturados e o ataque a plantas de processamento de petróleo na Arábia Saudita trouxe volatilidade ao preço do petróleo.

O Indicador Ipea de Risco Brasil, medido pelo desvio do Credit Default Swap (CDS) brasileiro em relação ao dos demais países emergentes, vem se mantendo em terreno negativo, mostrando que o país se encontra em situação favorável na percepção de risco, criando um ambiente econômico que incentiva os investimentos.

ATIVIDADE ECONÔMICA

Análise do desempenho da atividade econômica confirma o ritmo lento de retomada do crescimento. Os investimentos se expandiram 1% em julho, com destaque a construção civil e a produção de máquinas e equipamentos, importantes para aumentar a capacidade produtiva brasileira. Os números positivos da construção civil são puxados, em grande medida, pelo setor residencial. As condições no mercado imobiliário voltaram a evoluir positivamente no segundo trimestre de 2019 – em junho, foram lançados 16.298 novos imóveis, o segundo maior resultado da série histórica iniciada em janeiro de 2014. A expectativa é que a área de infraestrutura apresente melhora em 2020, por conta dos avanços nos marcos regulatórios setoriais que favorecem as concessões e parcerias público-públicas.

Outro indicador da atividade econômica, a produção industrial, recuou 0,3% em julho, na comparação com junho, de acordo com a PIM-PF do IBGE. Para o mês de agosto, o Ipea projeta crescimento zero. Apesar desse desempenho, a demanda interna por bens industriais registrou avanço de 2,6% no mês de julho, com forte contribuição das importações. A análise do Ipea aponta uma participação crescente dos bens importados na demanda final do setor industrial, enquanto as exportações vêm sofrendo com as turbulências internacionais, particularmente com a crise argentina.

O comércio varejista, que tinha registrado cinco meses consecutivos de crescimento, deve recuar 0,9% em agosto, após uma alta de 1% em julho. O setor de automóveis, cujas vendas caíram 2,2% em agosto, foi o grande influenciador do baixo dinamismo esperado para o varejo naquele mês. Para o setor de serviços, os números têm mantido trajetória irregular, alternando resultados positivos e negativos: depois de avançar 0,8% em julho, a previsão para agosto é uma retração de 0,3%. A Carta analisa o comportamento recente das concessões de crédito, destacando o comportamento do crédito às famílias.

CENÁRIO FISCAL

O Grupo de Conjuntura do Ipea também avaliou a política fiscal do governo federal e o teto de gastos públicos e concluiu que a manutenção do teto é fundamental para garantir uma retomada sustentável do crescimento. O trabalho analisa a trajetória de cada grupo de despesas em diversos períodos e alerta para o crescimento acelerado dos gastos obrigatórios, com espaço progressivamente menor para as despesas discricionárias, notadamente os investimentos, nos últimos quatro anos.

O estudo mostra que as despesas primárias praticamente dobraram em percentual do Produto Interno Bruto (PIB) na comparação entre 1991 e 2018, passando de 11% para 19,8%. O orçamento federal proposto para 2020 embute gastos obrigatórios que correspondem a 94% do gasto primário total, ante 86% em 1997. Quanto mais se compromete o orçamento com gastos obrigatórios, como folha de pessoal e benefícios previdenciários e assistenciais, menos se tem para gastos discricionários (pagamentos de energia elétrica, por exemplo) e se comprime ainda mais os já modestos gastos com investimentos.

PPP: contraprestações e garantias

*Pedro Dutra**

Relativamente recente, a lei que criou as Parcerias Público-Privadas, não é, todavia, uma novidade na experiência jurídica e econômica do país. Pois essa lei se refere a um tipo de contrato entre nós conhecido desde 1852, quando reinava Pedro II.

Eram então denominadas concessões financiadas, e a primeira delas destinava-se à construção de ferrovias e sua exploração, para transporte de carga e passageiros. Nos termos do contrato de concessão, o governo de Sua Majestade garantiria um percentual mínimo de renda sobre o capital investido.

O cumprimento do acordo pelas partes permitiu que se implantasse boa parte da malha ferroviária, então voltada para o transporte do café e sua exportação, a maior fonte de receita do Tesouro Nacional e o definidor da taxa de câmbio. Esse regime encontrou suas limitações, entre elas a dificuldade de caixa do governo republicano, e a estatização de várias empresas, em parte devido à inexistência de uma Regulação técnica eficaz.

Já no século XXI, a questão central das PPPs está na sua extensão a concessões de grande vulto, nas quais a União, Estados e Municípios se comprometem, em contrato, a investir expressivos recursos financeiros.

A experiência mostra, porém, que não basta o compromisso contratual, mas são exigidas ao Poder Público garantias a serem acionadas na hipótese de ele não ter recursos bastantes à altura de honrar suas obrigações.

Se os recursos se mostram escassos, muitas das garantias oferecidas pelo Poder Público têm se mostrado insuficientes também. Apesar de inúmeras modelagens financeiras serem formuladas e propostas, a questão central subsiste: a extrema dificuldade do Poder Público em dar garantias suficientes à execução das PPPs.

Não existe uma resposta simples a esta questão, uma vez que ela toca outras, de natureza institucional. Tais como a inexistência de fato de uma Regulação técnica e independente, um planejamento estatal firme, na forma e no tempo, e o exercício desassombrado de um duro realismo: reconhecer o Poder Público os seus limites financeiros, sem sucumbir a tentações político-partidárias, de anúncios de grandes feitos que sabidamente não se vão cumprir.

O melhor caminho é aquele sempre reclamado: criar-se uma segurança jurídica, baseada no realismo contratual, no cumprimento por ambas as partes de seus termos e obrigações econômico-financeiras, e de uma Regulação e fiscalização técnicas verdadeiramente eficazes.

**Advogado.*

Russell Bedford

taking you further

NETWORK OF THE YEAR

Winner

2019

INTERNATIONAL Accounting BULLETIN

www.**russellbedford**.com.br

contato@russellbedford.com.br (55 11) 4007.1219

Vivara realiza IPO

CEO da Vivara, Márcio Kaufman, e representantes da diretoria da empresa, ao lado do CEO da B3, Gilson Finkelsztain, tocam a campainha que marca o início da oferta pública de ações da companhia

A B3 recebeu a Vivara em cerimônia que marcou a sua oferta pública inicial de ações (IPO) e o início da negociação de suas ações no segmento Novo Mercado com o ticker VIVA3.

A Vivara, maior rede de joalheria do Brasil, está presente em 90% dos estados brasileiros, com mais de 230 pontos de vendas.

Participaram do evento, pela B3, o CEO, Gilson Finkelsztain, e o diretor de Relacionamento do Clientes Brasil, Felipe Paiva. Pela Vivara, estavam presentes o CEO, Márcio Kaufman, a diretora de Marketing, Marina Kaufman, o vice-presidente de Operações, Paulo Kruglensky, e o diretor de Relações com Investidores, Otavio Chacon do Amaral Lyra, além de funcionários e representantes do mercado financeiro. Os funcionários presentes na sede da empresa, na zona Sul de São Paulo, também participaram a distância da celebração, com imagens ao vivo do local sendo projetada nos telões do Espaço Raymundo Magliano Filho.

"Com seu IPO, a Vivara aproxima ainda mais o mercado de capitais dos investidores de varejo, ajudando a escrever uma história de sucesso nesse momento de mudança da economia brasileira", afirmou Gilson Finkelsztain.

Em seu discurso, Márcio Kaufman, CEO da Vivara, ressaltou que "mesmo com quase 60 anos de história, somos uma empresa com uma energia jovem e cheia de vontade de evoluir, se transformar e se reinventar sempre. De uma pequena oficina de ourivesaria no centro de São Paulo, passamos a atuar no comércio, chegamos aos shoppings e expandimos a operação para quase todos os estados do Brasil. Agora, olho para frente e vejo o quanto ainda podemos crescer, com um time fortalecido e engajado. Construímos uma marca forte, admirada e reconhecida pela qualidade e inovação de nossas peças. Somos uma empresa sólida, focada em resultados e comprometida em eternizar momentos. Estamos aqui hoje para celebrar as conquistas do passado e dar início a mais um ciclo de sucesso para todos nós".

Com a Vivara, o Novo Mercado, segmento que exige a adoção das mais elevadas práticas de governança corporativa, transparência e acesso às informações pelos investidores, passa a contar com 139 empresas.

A B3 (B3SA3) é uma das principais empresas de infraestrutura de mercado financeiro do mundo e uma das maiores em valor de mercado, entre as líderes globais do setor de bolsas. Conecta, desenvolve e viabiliza o mercado financeiro e de capitais e, junto com os clientes e a sociedade, potencializa o crescimento do Brasil.

Atua nos ambientes de bolsa e de balcão, além de oferecer produtos e serviços para a cadeia de financiamento. Com sede em São Paulo e escritórios em Londres e Xangai, desempenha funções importantes no mercado pela promoção de melhores práticas em governança corporativa, gestão de riscos e sustentabilidade.

Tesouraria: práticas obsoletas são um problema para o Brasil

*Geraldo Coelho**

Empresas de todo o mundo estão relatando declínios nos ganhos devido a perdas cambiais. As empresas querem resolver esse problema e cabe aos tesoureiros corporativos encontrar uma solução - mesmo que não tenham controle sobre as causas: incerteza econômica e geopolítica e volatilidade do mercado.

No Brasil, um grande problema é que muitos tesoureiros não possuem tecnologia atualizada e acabam realizando seus trabalhos manualmente, o que é lento e aumenta o risco. Em muitos casos, a negociação de divisas é feita por telefone e as planilhas são usadas, sem nenhuma integração ou sistematização.

O resultado é que os tesoureiros locais não possuem dados subjacentes de qualidade para tomar decisões eficazes de hedge e podem enfrentar avaliações erradas. Todos esses fatores podem causar imprecisões e podem ser onerosos, pois não garantem que a negociação executada seja compatível com o risco subjacente. Frequentemente, os tesoureiros não podem garantir que os dados de negociação foram inseridos corretamente no sistema de gerenciamento da empresa, nem seus sistemas manuais permitem uma análise rápida do registro de realização de todas essas transações.

O impacto disso em um tesouro corporativo é enorme e torna a empresa vulnerável a erros e inconsistências. A empresa pode ver um aumento significativo nas despesas de transação de moeda, pois estão lidando com um número limitado de bancos. Acima de tudo, isso tira um tempo do que os tesoureiros realmente querem fazer - dedicar tempo ao desenvolvimento de insights estratégicos para o gerenciamento.

Hoje, muitos tesoureiros de todo o mundo estão recorrendo a sistemas de câmbio eletrônicos que fornecem informações da maior variedade de bancos, garantindo transparência. Essa tecnologia proporciona aos tesoureiros corporativos mais poder nas negociações de moeda e fornece uma vantagem competitiva. A automação implica uma avaliação clara dos custos de transação.

As ferramentas de negociação eletrônica mostram em tempo real qual banco está oferecendo o melhor preço. Alguns sistemas até bloqueiam um comércio que não é o melhor valor. Esse é um recurso valioso de auditoria e suporta políticas de conformidade corporativa.

As confirmações de execução e os registros mensais de execução permitem que os tesoureiros avaliem e analisem rápida e eficientemente os problemas e planejem estratégias de negociação mais eficazes.

Atualmente, existe um grande número de ferramentas que possibilitam a criação de sistemas integrados, visando praticidade, segurança e redução de custos, além de maior liquidez. A questão agora é — os tesoureiros podem convencer a alta administração a atualizar suas ferramentas de tesouraria?

** Chefe de Vendas para América Latina na Bloomberg.*

Pesquisa conclui que a adaptação climática é uma oportunidade para mudanças transformadoras nas cidades

Até 2050, dois terços da população mundial viverão em áreas urbanas, as quais enfrentarão os mais graves riscos das mudanças climáticas: elevação do nível do mar, inundações, estresse hídrico e térmico, perda de biodiversidade e outros impactos. Com o crescimento mais rápido ocorrendo nas cidades do sul global, com grandes populações vulneráveis, é vital que as cidades busquem soluções de adaptação climática que sejam verdadeiramente transformadoras, mudando-as para um crescimento mais eqüitativo e sustentável, de acordo com uma nova pesquisa do WRI.

"O desenvolvimento urbano que ignorou os riscos climáticos acabou aumentando significativamente a exposição das cidades aos riscos climáticos ", disse Anjali Mahendra, co-autora do relatório e diretora de pesquisa do WRI Ross Center for Sustainable Cities. "Mas a adaptação urbana bem-sucedida é mais do que apenas resistir a tempestades, inundações e calor; precisamos planejar, fornecer e financiar infra-estrutura e serviços essenciais nas cidades de maneira diferente, confiando significativamente em soluções baseadas na natureza e envolvendo mais de perto comunidades vulneráveis".

O documento, Unlocking the Potential for Transformative Climate Adaptation in Cities, foi lançado na C40 World Mayors Summit in Copenhagen, em Copenhague. Ele faz parte de uma série de documentos encomendados pela Comissão Global de Adaptação para informar seu relatório principal, Adapt Now: A Global Call for Leadership on Climate Resilience, que considera que mudanças em cinco áreas-chave, inclusive nas cidades, podem gerar US $ 7,1 trilhões de benefícios líquidos entre 2020 e 2030. A comissão foi convocada por 20 países e é co-presidida pelo 8º Secretário-Geral da ONU, Ban Ki-moon, pelo co-fundador da Fundação Bill & Melinda Gates, Bill Gates, e pelo diretor-gerente da International Monetary Fund, Kristalina Georgieva. Já existem mais de 880 milhões de pessoas vivendo em assentamentos informais em todo o mundo, com acesso limitado a abrigo, eletricidade, água potável, saneamento e emprego.

É provável que os impactos climáticos piorem o acesso a esses serviços, especialmente para populações vulneráveis, incluindo mulheres, crianças e idosos, migrantes, populações indígenas e minorias. Somente o aumento do nível do mar e as tempestades podem custar às cidades costeiras US $ 1 trilhão a cada ano em meados do século, afetando mais de 800 milhões de pessoas. Áreas urbanas em regiões secas, onde hoje vivem mais de 2 bilhões de pessoas, enfrentam o aumento do estresse hídrico e da frequência das secas, os quais agravam a insegurança alimentar e de saúde, enquanto os impactos do calor excessivo continuam a aumentar.

"As mudanças relacionadas ao clima podem facilmente ser um novo caminho para um desenvolvimento inclusivo de boa qualidade, que também cumpra os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável", disse Sheela Patel, Comissária da Comissão Global de Adaptação e Presidente da Slum / Shack Dwellers International. "O desafio é produzir novas estratégias e parcerias que incluam os pobres para produzir o novo normal, que ofereça melhor qualidade de vida a todos e melhore a saúde do planeta".

"A adaptação transformadora reorienta as ações climáticas urbanas em torno dos desafios históricos da equidade e da justiça climática", disse Eric Chu, principal autor do relatório e professor assistente do Departamento de Ecologia Humana da Universidade da Califórnia, Davis. "Ela se concentra em mudanças sistêmicas no desenvolvimento que melhoram a qualidade de vida das pessoas, melhoram a vibração social e econômica das cidades e garantem futuros urbanos sustentáveis, resilientes e inclusivos".

O estudo destaca três áreas principais de ação nas quais as cidades podem se concentrar para ajudar a promover uma adaptação urbana transformadora:

1. Integrar as informações sobre riscos climáticos ao planejamento e fornecimento de infraestrutura e serviços urbanos, fortalecendo a capacidade local de agir com base nessas informações. Em Surat, na Índia, o Surat Climate Change Trust está ajudando a coordenar as dezenas de organizações anteriormente responsáveis pela gestão de inundações na cidade, por exemplo.

2. Desenvolver resiliência climática, melhorando as condições de vida em comunidades vulneráveis e assentamentos informais, aproveitando a experiência local e o conhecimento da comunidade. O programa Coalizão Asiática para Ação Comunitária apoiou a atualização liderada pela comunidade em mais de 2.000 comunidades em 207 cidades de 18 países, por exemplo.

3. Priorizar soluções baseadas na natureza para gerenciar holisticamente os riscos de água e calor. Em São Paulo, estima-se que a redução do fluxo de sedimentos gerada pela restauração de 4.000 hectares de florestas perto da bacia hidrográfica da cidade economize US $ 4,5 milhões no custo da dragagem de reservatórios para melhorar a qualidade da água urbana.
   Governança coordenada e planejamento integrado por instituições responsáveis são fatores chave para o sucesso. Parcerias entre comunidades, setor privado e sociedade civil em diferentes níveis de tomada de decisão são necessárias para alcançar o progresso nas prioridades de adaptação. A adaptação transformadora permite que as cidades alcancem sinergias em vários objetivos, incluindo o fornecimento de serviços e infraestrutura essenciais (canalizações de água, linhas de esgoto, redes de eletricidade, redes de transporte), mitigação do clima, proteção do ecossistema, crescimento econômico e desenvolvimento sustentável.

"As cidades são uma oportunidade fantástica para fazer a adaptação certa", disse Ani Dasgupta, diretora global do WRI Ross Center for Sustainable Cities. "Mas, as cidades devem se adaptar de maneira a corrigir as desigualdades subjacentes. Feita com cuidado, a adaptação transformadora pode colocar as cidades em um caminho mais forte e seguro, que oferece oportunidades e maior qualidade de vida para todos. "

Sobre o World Resources Institute

O WRI é uma organização global de pesquisa que abrange mais de 60 países, com escritórios internacionais no Brasil, China, Índia, Indonésia, México e Estados Unidos, escritórios regionais na Etiópia (para a África) e na Holanda (para a Europa) e escritórios de programas na República Democrática do Congo, Turquia e Reino Unido. Nossos mais de 1.000 especialistas e funcionários transformam grandes ideias em ação no nexo entre ambiente, oportunidade econômica e bem-estar humano. Mais informações em www.wri.org.

Sobre o WRI Ross Center for Sustainable Cities

O WRI Ross Center for Sustainable Cities ajuda a criar áreas urbanas acessíveis, equitativas, saudáveis e resilientes para que as pessoas, empresas e o meio ambiente prosperem. Juntamente com os parceiros, ele favorece cidades mais conectadas, compactas e coordenadas. O Centro expande a experiência em transporte e desenvolvimento urbano da rede EMBARQ para catalisar soluções inovadoras em outros setores, incluindo água, edifícios, uso da terra e energia. Ele combina a excelência em pesquisa do WRI com 15 anos de impacto local por meio de uma rede de mais de 250 especialistas trabalhando no Brasil, China, Etiópia, Índia, México e Turquia para tornar as cidades do mundo em melhores lugares para se viver.

Mais informações em www.wrirosscities.org.

AAA - Gestão da Inovação: como preparar uma empresa para o futuro?

*Alexandre Pierro**

É inegável que o mundo vem se transformando a uma velocidade cada vez maior. Com novos modelos de negócios e tecnologias exponenciais, gerir uma empresa com foco no amanhã tem sido uma tarefa cada vezmais desafiadora. Velhos manuais já não servem para muitas coisas.

Nesse sentido, não nos resta outra alternativa a não ser buscar novos horizontes e possibilidades. Descontruir antigos modelos mentais e partir em busca de novas oportunidades é uma tarefa cotidiana para todos os líderes e gestores. Por isso, manter-se bem informado é tão importante.

Contudo, por mais conteúdo relevante que você tenha acesso, ainda fica difícil fazer a inovação acontecer na prática. Muitas vezes, os cases de sucesso acabam funcionando mais como fonte de depressão do que de inspiração, tamanha a dificuldade de transformar ideias em resultados. Temos a sensação de que todas as outras empresas são capazes de inovar, menos a nossa.

A fim de acabar com essa sensação, foi publicada recentemente na Europa uma norma ISO de inovação, a 56.002, com o objetivo de padronizar terminologias, ferramentas, processo, métricas, métodos e interações na implementação da inovação dentro das organizações. Num primeiro momento, pode parecer contraproducente, mas o fato é que nada acontece dentro de uma empresa, independentemente de porte ou segmento, se não houver um processo.

Partindo do princípio que apenas ter um mindset inovador não é suficiente para gerar inovação, a ISO, que é uma organização sem fins lucrativos sediada na Suíça, passou 11 anos estudando as melhores práticas em inovação nos 163 países membros. O Brasil foi um dos países que contribuiu e, tenho muito orgulho de ser um dos membros do comitê da ABNT-CEE130 que ajudou na formatação dessa norma.

Diferentemente de outras normas ISO, que pregam requisitos, a 56.002 aponta diretrizes, sugerindo caminhos possíveis para cada empresa, de forma individualizada. Em inovação não há receita de bolo. O que serve para uma empresa, não necessariamente serve para outra. Há ainda a vantagem da integração com outras normais de classe mundial, como a ISO 9.001 e a ISO 14.001, o que garante melhores práticas com a gestão de qualidade e meio ambiente.

A ISO 56.002 está ancorada em oito pilares: gestão de risco, geração de valor, direcionamento estratégico, liderança visionária, cultura adaptativa, resiliência, gestão de insights e gestão por processos. O maior desafio está em criar uma cultura de inovação, fazendo com que as inovações aconteçam de forma sistematizada, e não esporádica. Precisamos primeiro desenvolver o mindset da inovação para depois criar processos que garantam a sua eficácia.

O intuito da norma não é engessar o processo, mas sim definir diretrizes para inovar através de um sistema de gestão que abarque toda a infraestrutura de uma empresa e a possibilite retirar de seu ambiente interno e externo ideias inovadoras que impulsionem seu crescimento. As vantagens envolvidas são inúmeras, dado que as empresas demandam cada vez mais inovação, diante da alta competividade e complexidade do mercado.

As empresas que implementam esse modelo de gestão, se tornam referência dentro de seu mercado por terem um sistema de gestão voltado à inovação. A norma ajuda a controlar os processos, extraindo o melhor de cada fase e ampliando o engajamento dos colaboradores, sem deixar passar oportunidades. O resultado é uma ampliação considerável do marketshare da empresa e o aumento do valor agregado de seus produtos.

A gestão da inovação é hoje, o que a qualidade foi há alguns anos. Vivemos em um mundo onde a incerteza é a única certeza, e lidar com isso demanda uma ferramenta poderosa de gestão. Sem isso, estamos fadados ao ostracismo. A maleabilidade ordenada da inovação é a chave de uma boa gestão, alinhada com o futuro.

Alexandre Pierro é engenheiro mecânico e bacharel em física nuclear aplicada pela USP com pós-MBA em inovação. Passou por empresas nacionais e multinacionais, sendo responsável por áreas de improvement, projetos e de gestão. É certificado na metodologia Six Sigma - Black Belt, PMBoK e Scrum, além de Master em 4ª Revolução Industrial & Emerging Technologies. É especialista e auditor líder em sistemas de gestão de normas ISO, sendo membro de vários grupos de estudos da ABNT. É um dos responsáveis pela formatação da recém-publicada ISO 56.002, de gestão da inovação.

**Engenheiro mecânico, fundador da Palas e responsável pela versão brasileira da ISO 56.002.*

Expandir, fortalecer e crescer negócios

*Wesley Fernandes Tuaf Garcia**

"...a principal chave é ainda a relação e a proximidade com as pessoas. Fato é que acima de uma união empresarial estão os elos entre pessoas. Estas sim são capazes de empreender e testar soluções em grandes empresas, aumentar o faturamento ou captar recursos para financiar o crescimento."

Com o término de mais um ano e o início de um novo ciclo surge a certeza de novos desafios e um grau maior de otimismo no que tange a perspectiva de crescimento, fortalecimento e expansão dos negócios.

Dentro das expectativas econômicas nacionais podemos analisar, por meio de indicadores econômico-financeiros, dados que evidenciam sinais de recuperação do otimismo econômico, mas sobretudo dos passos dados para que o Brasil volte a um ritmo de aceleração. No último dia 30 de outubro de 2019, o COPOM (Comitê de Política Monetária) reduziu a taxa SELIC (Taxa Básica de Juros) para 5% ao ano, algo sem precedentes, e a Bolsa de Valores também registrou altas, enquanto a inflação e o risco país se reduziram a patamares mais baixos. Sob essa ótica, há indicação de um futuro positivo nos próximos anos. Por outro lado, existem também motivos para uma reflexão dos desafios trazidos por estas novas perspectivas de mercado, especialmente no que se refere ao avanço da tecnologia, o que vem elevando ainda mais a competitividade das empresas.

Em se tratando das prestadoras de serviço, é possível que haja uma competitividade ainda mais elevada, já que as opções entre sobreviver ou prosperar serão determinadas por visões estratégicas de negócios, com parcerias eficientes e alianças que buscam crescimento exponencial como diferencial de mercado na busca de novos clientes e soluções eficazes. Assim, é fundamental fomentar a conexão entre empresas, uma vez que diversos programas de conexão hoje são sucesso, atingindo até a liderança de seus mercados, seja entre financeiras e fintechs (como é o caso do Bradesco), ou quando buscado um ecossistema de soluções para problemas de um modelo de negócio.

Contudo, a principal chave é ainda a relação e a proximidade com as pessoas. Fato é que acima de uma união empresarial estão os elos entre pessoas. Estas sim são capazes de empreender e testar soluções em grandes empresas, aumentar o faturamento ou captar recursos para financiar o crescimento. São elas que irão usar a sua nova conexão para aprender, entender o problema da empresa e se conectar com a solução, fazendo a leitura da cultura e estabelecendo bons relacionamentos internos.

Seguindo este ensejo de conectar-se e evoluir, a Russell Bedford, uma das maiores redes de auditoria do mundo, formatou no país um projeto de expansão e fortalecimento de relações, buscando firmas de auditoria ou escritórios de contabilidade para se juntarem a ao projeto como filiados. A principal meta dessa filiação se fixa em uma aliança para crescimento bem como ao fortalecimento para fazer frente a todos os futuros desafios, além dos benefícios de exclusividade regional, maximização de possibilidade de novos negócios, direito do uso da marca Russell Bedford, equipe de vendas, marketing e conteúdo nas redes sociais, referenciação de trabalhos, dentre outros.

Desse modo, buscamos empresários com visão de crescimento e que possuam escritórios de contabilidade ou de auditoria estruturados nas seguintes regiões: MT, MS, PE, PA, PB, TO, AL, SE, RN, ES, RO, RR, PI, MA. Torne-se um filiado Russell Bedford e seja referência em prestação de serviço!

**Sócio da Russell Bedford.*

Pesquisa revela que "Economia Salesforce" vai gerar 491 mil empregos e R$ 61,9 bilhões em receita com novos negócios no Brasil

A Salesforce, líder mundial em CRM, acaba de anunciar os resultados da pesquisa global que encomendou junto à IDC. Sobre o Brasil, ela aponta que a "Economia Salesforce" (formada pela empresa e seu ecossistema de parceiros e clientes) vai gerar 491 mil empregos diretos, US$ 61,9 bilhões em receitas de novos negócios e US$ 7,56 para cada dólar produzido pela empresa, no período de 2019 a 2024.

Tyler Prince, vice-presidente executivo de Alianças e Inovação e Lançamentos da Salesforce, explica que, "devido à atuação colaborativa junto aos membros do seu ecossistema, a Salesforce consegue gerar o crescimento dos negócios e dos empregos que vemos atualmente".

"Seja por meio de parcerias específicas da indústria ou de aplicativos alinhados aos negócios, a plataforma Customer 360 e o ecossistema da Salesforce contribuem para acelerar nosso crescimento e, o que é mais importante, o crescimento de nossos clientes", complementa o executivo.

Este crescimento é impulsionado pela adoção cada vez maior da computação em nuvem, a qual está dando origem a uma série de novas tecnologias no mundo (incluindo mobile, redes sociais, Internet das Coisas e Inteligência Artificial). Estas, por sua vez, geram novas fontes de receita e empregos, alavancando o uso da nuvem e criando um "ciclo contínuo" de crescimento e inovação.

E como as empresas que investem na computação em nuvem também investem em produtos e serviços relacionados, a "Economia Salesforce" em 2019 é mais de quatro vezes maior que a Salesforce individualmente, com previsão de aumentar para quase seis vezes até 2024. Assim, a IDC estima que, entre 2019 e 2024, a "Economia Salesforce" impulsionará a criação de 780 mil empregos indiretos no Brasil, criados pelos gastos na economia em geral pelas pessoas que ocupam os 491 mil empregos diretos mencionados anteriormente.

"À medida que a Quarta Revolução Industrial reformula a economia, transformando a maneira que vivemos e trabalhamos, a Salesforce e seu ecossistema têm um papel muito forte na condução das habilidades do futuro para a criação de empregos no Brasil", explica Fabio Costa, gerente geral da Salesforce no Brasil.

Benefícios da "Economia Salesforce" por setor

Neste relatório, a IDC analisou como a "Economia Salesforce" deve influenciar o crescimento de receita e a geração de empregos em seis setores até 2024. Globalmente, a pesquisa mostra:

- O setor financeiro deve alcançar US$ 224 bilhões em novas receitas e gerar 730,9 mil empregos.
- O setor manufatureiro deve alcançar US$ 211,7 bilhões em novas receitas e gerar 765,8 mil empregos.
- O setor de varejo deve alcançar US$ 134,8 bilhões em novas receitas e gerar 539,7 mil empregos.
- Os setores de mídia e comunicações devem alcançar US$ 129,7 bilhões em novas receitas e gerar 473,8 mil empregos.
- O setor médico e de saúde deve alcançar US$ 68,5 bilhões em novas receitas e gerar 222,6 mil empregos.
- O setor público deve alcançar US$ 64,7 bilhões em novas receitas e gerar 254,4 mil empregos

Brasil e Israel firmam parceria para o desenvolvimento de produtos inovadores

Projetos de PD&I somam US$7,5 milhões em investimentos. Eles são frutos do acordo bilateral para fomentar a inovação entre EMBRAPII e a Autoridade de Inovação de Israel

A Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial (EMBRAPII) e a Autoridade de Inovação de Israel (IIA, sigla em inglês) vão apoiar o desenvolvimento de quatro projetos de Inovação realizados, em cooperação, por empresas brasileiras e israelenses. Serão investidos US$ 7,5 milhões. Os recursos englobam investimentos de empresas de ambos os países, das agências de fomentos à inovação e centros de pesquisa. A EMBRAPII financia com recursos não reembolsáveis 1/3 da parte da empresa brasileira em cada projeto.

Os projetos, que abrangem áreas diversas, são os primeiros resultados do acordo de Cooperação assinado entre a EMBRAPII e o IIA, que tinha como objetivo ampliar a colaboração mútua em ciência e tecnologia dos dois países e facilitar a identificação de oportunidades de negócios que possam gerar produtos e sistemas inovadores ao mercado. "A parceria com a IIA mostrou que esta iniciativa pode levar as indústrias do Brasil e de Israel a ficarem mais atentas para a grande gama de oportunidades a serem exploradas entre os dois países", destaca Jorge Guimarães, diretor-presidente da EMBRAPII.

O presidente do IIA, Aharon Aharon, afirma que a parceria entre Brasil e Israel será importante para o setor industrial e para a área de inovação tecnológica, trazendo impacto positivo para a economia de ambos os países. "Estamos felizes em ver resultados tão notáveis, que são consequência da primeira colaboração em pesquisa e desenvolvimento entre Israel e Brasil", afirmou.

A parceria entre a empresa Brasil Ambiental e a israelense Pelemix busca uma solução inovadora para ampliar o rendimento das lavouras de cana-de-açúcar. A proposta propõe o desenvolvimento de um novo substrato para aumentar a sobrevivência das mudas da planta. O Brasil é o maior produtor de cana-de-açúcar do mundo.

Também na área da agroindústria, a união entre a israelense Metrycom Communications e a brasileira Energisa planejam produzir um sensor de rede wireless de baixo custo capaz de monitorar grandes áreas rurais.

A Energisa teve outro um projeto aprovado, desta vez na área de energia. Conjuntamente com a israelense Green Road, o projeto pretende criar um sistema de gestão de frota para aumentar a segurança de motoristas. Já o projeto da Fortlev em parceria com a BrenMiller Energy, de Israel, promete aumentar a eficiência e a utilização de energia térmica.

A EMBRAPII é uma organização social que tem contrato de gestão com os Ministérios de Ciência e Tecnologia (MCTIC), Educação (MEC) e Saúde. No modelo de apoio à inovação adotado pela EMBRAPII, as empresas que possuem um projeto avaliado como inovador devem se associar a um dos 42 centros de pesquisa e desenvolvimento que foram credenciados pela organização. Esses centros avaliam os projetos, analisando questões como viabilidade técnica e interesse do mercado. Caso aprovados, os gastos para seu desenvolvimento são divididos em três partes. A EMBRAPII fica responsável por um terço do investimento, o centro de pesquisa disponibiliza mão de obra e equipamentos, e a empresa financia o restante. Em seis anos, a EMBRAPII já apoiou 800 projetos totalizando mais de R$ 1,3 bilhão em investimentos, trabalhando com mais de 550 empresas.

Empresários chineses pretendem investir em resorts integrados no Brasil

Na busca por mais investimentos importantes para o Brasil, o ministro do Turismo, Marcelo Álvaro Antônio, se reuniu com o presidente e CEO do grupo Melco Resorts & Entertainment, Lawrence Ho Yau Lung. O encontro teve a participação do diretor-executivo Larry Ng, que, um dia antes, havia apresentado os planos da empresa para expandir seus negócios em destinos estratégicos, como Japão e China.

O grupo Melco Resorts & Entertainment é um dos gigantes do ramo hoteleiro no mundo. A reunião, inclusive, foi no mais recente empreendimento do conglomerado: o Hotel Morpheus, a última obra projetada pela renomada arquiteta Zaha Hadid. Ela foi a primeira mulher a receber o Pritzker, uma espécie de Oscar da arquitetura. Só três mulheres receberam até hoje.

O empreendimento sozinho gera cerca de sete mil empregos e um faturamento de US$ 5 bilhões, focados na mão de obra e economia locais. Um dos principais destaques de Macau, o impressionante projeto, feito em 5 anos ao custo de US$ 1,1 bilhão, mostra a força do grupo que quer investir no Brasil. Os empresários têm interesse, principalmente, na área de resorts e prometem um projeto audacioso, inovador e com a cara do brasileiro.

"Melco, venha ao Brasil. Estamos prontos para recebê-los. Tenho certeza de que a parceria será muito próspera. O grupo terá a segurança que precisa para investir em nossos destinos. Tenho certeza de que muitos virão", ressaltou Álvaro Antônio.

Os investidores do grupo, a convite do ministro, farão uma visita técnica no fim deste ano ao Brasil para conhecer destinos turísticos para a implantação de futuros investimentos no país. AS cidades de Rio de Janeiro e São Paulo, e as regiões Nordeste e Norte são alguns dos locais nos planos do grupo. Segundo o diretor do Melco Resorts, Larry Ng, o conglomerado está aberto a trabalhar em parceria com o Ministério do Turismo em outros planos estratégicos para ambos os países, e conta com a expertise do Brasil.

América Latina - produção de proteína animal cresce 30% em dez anos e é oportunidade de negócios

Nesse período, o volume de carne de frango aumentou 29,3%. Já a produção de carne suína saltou 32% na mesma década

As produções de aves e suínos na América Latina têm registrado crescimento constante ao longo dos últimos dez anos, de acordo com dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). Nesse período, o volume de carne de frango aumentou 29,3%. Já a produção de carne suína saltou 32% na mesma década. As duas proteínas juntas devem ultrapassar a marca de 24 milhões de toneladas em 2019.

Os dados do USDA atestam o relatório "Perspectivas Agrícolas 2019-2028", produzido conjuntamente pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO).

Segundo o documento, o estoque de frangos triplicou nos países do Mercosul e da América Central nas últimas três décadas e mais do que triplicou nos países andinos e no Caribe. A cobertura completa sobre o mercado latino de frangos está na última edição da revista Avicultura Industrial.

OS MAIORES PRODUTORES

O Brasil é o maior produtor das duas proteínas na América Latina. Em seguida vem o México, mas com uma produção que atende em sua maior parte ao mercado doméstico. O terceiro maior é a Argentina. A produção de aves e suínos da Colômbia, no entanto, é a que mais cresce, assim como ocorre com Bolívia , Peru e Equador.

CRESCIMENTO GERA NOVOS NEGÓCIOS

O avanço da América Latina acima da média mundial em produção de carne sinaliza que os países da região, especialmente o Brasil, são o celeiro do mundo. "O que temos registrado nos últimos 18 anos, desde que criamos a AveSui – Feira da América Latina de Aves, Suínos e Peixes – é um crescimento constante nos negócios e no número de expositores e visitantes internacionais", afirma Andrea Gessulli, diretora da AveSui, a maior feira de aves e suínos do continente.

Segundo ela, o Brasil é referência na produção de grãos e de proteína animal e as empresas e os produtores da América Latina utilizam a AveSui como um polo para a busca de novas tecnologias, negócios e conhecimento.

BRASIL É PONTO DE ENCONTRO DO SETOR

A última edição da feira AveSui ocorreu em Medianeira, no Paraná, próximo à fronteira com Paraguai e Argentina, no centro produtivo da America Latina. Grande parte dos 16 mil visitantes eram estrangeiros. Os países com maior número de participantes foram Argentina, Paraguai, Peru, Colômbia, Equador e Venezuela. Para os visitantes da América Latina, o Brasil é o ponto de encontro para a busca de novas tecnologias.

"Nessa edição de 2019, segundo estimativas, foram gerados quase R$ 1 bilhão em negócios. Nesse sentido, a AveSui catalisa todo esse potencial da América Latina para atender à demanda alimentar do mundo, principalmente a dos países asiáticos, que são o futuro", conclui Andrea Gessulli.

De olho no futuro: como o 5G impulsionará a próxima geração de jogos em dispositivos móveis

*Hector Silva**

Os jogos passaram por décadas de evolução para chegarem ao seu estado atual. Os jogadores de hoje usam controles complexos, computadores potentes e, cada vez mais, os smartphones são uma forma de interagir com o mundo virtual, contrastando com o começo modesto de joystick e monitor de baixa definição. Jogar é um hobby tão popular, ou em alguns casos um estilo de vida real, que muitos até fazem disso uma profissão - algo que já ganha popularidade na Colômbia. Por sinal, o país relançou recentemente uma nova liga profissional de jogos, a Liga de Videojuegos Profesional (LVP). A América Latina é especificamente responsável por 4% da receita total de jogos do mundo e deve continuar crescendo em uma estimativa de 11,4% anualmente até 2023 - bem a tempo de o 5G virar o jogo na América Latina e em todo o mundo.

ABANDONANDO O LAG

O 5G promete latência extremamente baixas e velocidades muito rápidas, já gerando entusiasmo tanto dos jogadores, quanto dos desenvolvedores de videogames. O lag (ou atraso) – uma redução perceptível de velocidade resultante de redes congestionadas ao usar um aplicativo – é o pânico de qualquer partida online e pode significar a diferença entre a vitória e a derrota. Esse atraso pode fazer com que os jogadores percam quando, do contrário, venceriam , com que atrapalhe quem tenta acompanhar os amigos com melhores conexões de Internet ou simplesmente fazer com que seja frustrante jogar determinado jogo. O lag é tão importante que as informações de latência em tempo real já são incluídas como uma funcionalidade em muitos jogos. Os dados de jogos em 5G serão enviados de ponta a ponta a uma taxa muito mais rápida, pois o armazenamento e o processamento de dados acontecerão fisicamente em dispositivos mais próximos do jogador pela tecnologia MEC (Multi-access Edge Computing), que reduz efetivamente o lag.

MAIS JOGOS, MAIS DIVERSÃO

Um dos aspectos mais empolgantes do 5G na esfera dos jogos eletrônicos virá com a capacidade da rede de lidar com mais usuários ao mesmo tempo e, como consequência o tráfego wireless associado a eles - algo que será crítico para o crescimento do E-sports na América Latina, região que vem estimulando a expansão de torneios e eventos de jogos. Isso permitirá que mais pessoas participem de jogos de alta resolução em tempo real, uma vez que as redes móveis serão capazes de enviar maiores volumes de dados entre os dispositivos.

ASCENSÃO DO AR, VR E JOGOS BASEADOS EM NUVEM

Os recursos de realidade aumentada e virtual nos jogos eletrônicos terão um enorme impulso com a chegada do 5G. Jogos baseados em localização, como o Pokémon Go, são exemplo de realidade aumentada que podemos esperar ver mais no futuro à medida que o 5G for adotado. Jogos interativos e interconectados que fornecem locais precisos em um intervalo de 1 metro - em comparação com a distância de 10 a 500 metros atualmente oferecida pelas redes 4G - dependem da adoção da 5G. E mais: os jogos de realidade virtual em tempo real poderão fazer com que os jogos 4K HD de hoje pareçam os Nintendo 64 dos anos 90.

O 5G, a partir da difusão de jogos baseados em nuvem, que aproveitarão a tecnologia MEC, também poderá ajudar a eliminar o incômodo de ter que comprar um novo console a cada poucos anos. Para não ficarem ultrapassados, também há possibilidades para os jogadores retrôs. Os jogos baseados em nuvem permitirão que os jogadores transmitam jogos antigos, agora disponíveis na nuvem em qualquer lugar e hora, independentemente de serem ou não donos do console em que o jogo foi originalmente lançado.

AS REDES QUE TORNAM POSSÍVEL O 5G

Nos primórdios da Internet, as redes apresentavam um número enorme e crescente de terminais distribuídos e fixos; enquanto hoje em dia, normalmente, as redes conectam os usuários finais a uma quantidade menor de data centers, mas de tamanhos muito maiores. Isso já causou impacto significativo na latência e na velocidade da rede, hospedando o conteúdo em grandes data centers próximos aos centros das cidades, onde os usuários finais vivem e jogam. As redes do futuro deverão aproximar ainda mais a conectividade dos usuários finais, ao mesmo tempo enquanto suportarão os grandes volumes de dados exigidos pelos jogos, streaming de vídeo e Internet das Coisas.

"À medida que as redes melhorem e o 5G comece a se infiltrar na América Latina, não seria surpreendente ver as cidades latino-americanas concentrarem uma porcentagem maior entre as principais cidades do mundo para jogos..."

Os jogos da próxima geração poderão se tornar realidade através de redes mais adaptáveis. Garantir que os dados cheguem do ponto A ao ponto B com desempenho otimizado requer software e análises inteligentes que possam prever onde as falhas ocorrerão e corrigi-las proativamente, antes que ocorra uma interrupção - isso tudo muitas vezes sem qualquer necessidade de intervenção humana. A segmentação da rede 5G garantirá que os serviços de jogos obtenham seu pedaço de alto desempenho na rede geral, a fim de assegurar melhor qualidade na experiência dos jogadores.

O 5G proporcionará uma nova era aos jogos para dispositivos móveis. Ao reduzir bastante o lag ligado à latência da rede, a jogabilidade será mais suave e permitirá um número muito maior de usuários, potencialmente tornando-a uma atividade ainda mais comunitária do que já é. Jogadores de todos os níveis poderão escolher entre uma variedade cada vez maior de novas plataformas e aventuras nas quais poderão embarcar no mundo virtual. Os desenvolvedores não ficarão mais confinados às limitações de desempenho de rede existentes, que geralmente são "o melhor que temos para o momento", estimulando a criatividade e abrindo novos caminhos para tudo que seja possível em um videogame.

À medida do avanço da tecnologia na América Latina, as redes se tornarão mais adaptáveis e os desenvolvedores poderão ter seu dia de glória com o potencial do 5G, ajudando cidades como São Paulo - que é hoje considerada a principal cidade latino-americana para jogadores e a 23ª no mundo – a subir ainda mais no índice global de pontos de acesso de jogos. À medida que as redes melhorem e o 5G comece a se infiltrar na América Latina, não seria surpreendente ver as cidades latino-americanas concentrarem uma porcentagem maior entre as principais cidades do mundo para jogos - algo que deverá encantar os jogadores da Patagônia ao México, e todos os outros que localizados entre esses dois extremos do mapa.

** CTO e Strategic Sales Leader, CALA, Ciena.*

Investimento em infraestrutura: impulso para o crescimento econômico

*Manoela Ribeiro**

A infraestrutura é considerada um fator fundamental para o desenvolvimento econômico e para a melhoria da qualidade de vida da população. A causalidade entre infraestrutura e desempenho econômico é bastante convencionado na literatura acadêmica. Uma infraestrutura bem desenvolvida gera maior produtividade, elevando a remuneração dos fatores de produção, impulsionando investimento, emprego e renda de forma contínua.

Apesar disso, o Brasil investe pouco em infraestrutura. As taxas de investimento em relação ao PIB são baixíssimas, mesmo se comparadas com outros países emergentes. Dados do Banco Interamericano demonstram que, entre 2008 e 2015, o Brasil teve uma taxa média de investimento em relação ao PIB menor que a Bolívia, o Chile, a Colômbia, o Peru e o Paraguai. Em termos de estoque total de infraestrutura, o Brasil possui uma taxa de apenas 36% de estoque em relação ao PIB enquanto países desenvolvidos apresentam um patamar de 64% a 85%. (IPEA, 2018)

Historicamente, o Brasil buscou solucionar a carência de infraestrutura tendo o Estado como principal agente investidor e condutor do processo de desenvolvimento econômico. Entretanto, o contundente gargalo econômico e fiscal enfrentado pelo país nos últimos anos evidenciou a incapacidade do setor público em desempenhar esse papel. A partir da crise fiscal em 2015, os investimentos públicos em infraestrutura sofreram um significativo e contínuo decréscimo até o momento atual, como resultado do inevitável corte de gastos. Durante o período 2017-2018, apenas 1,77% do PIB foi investido em infraestrutura. (SDI, 2019)

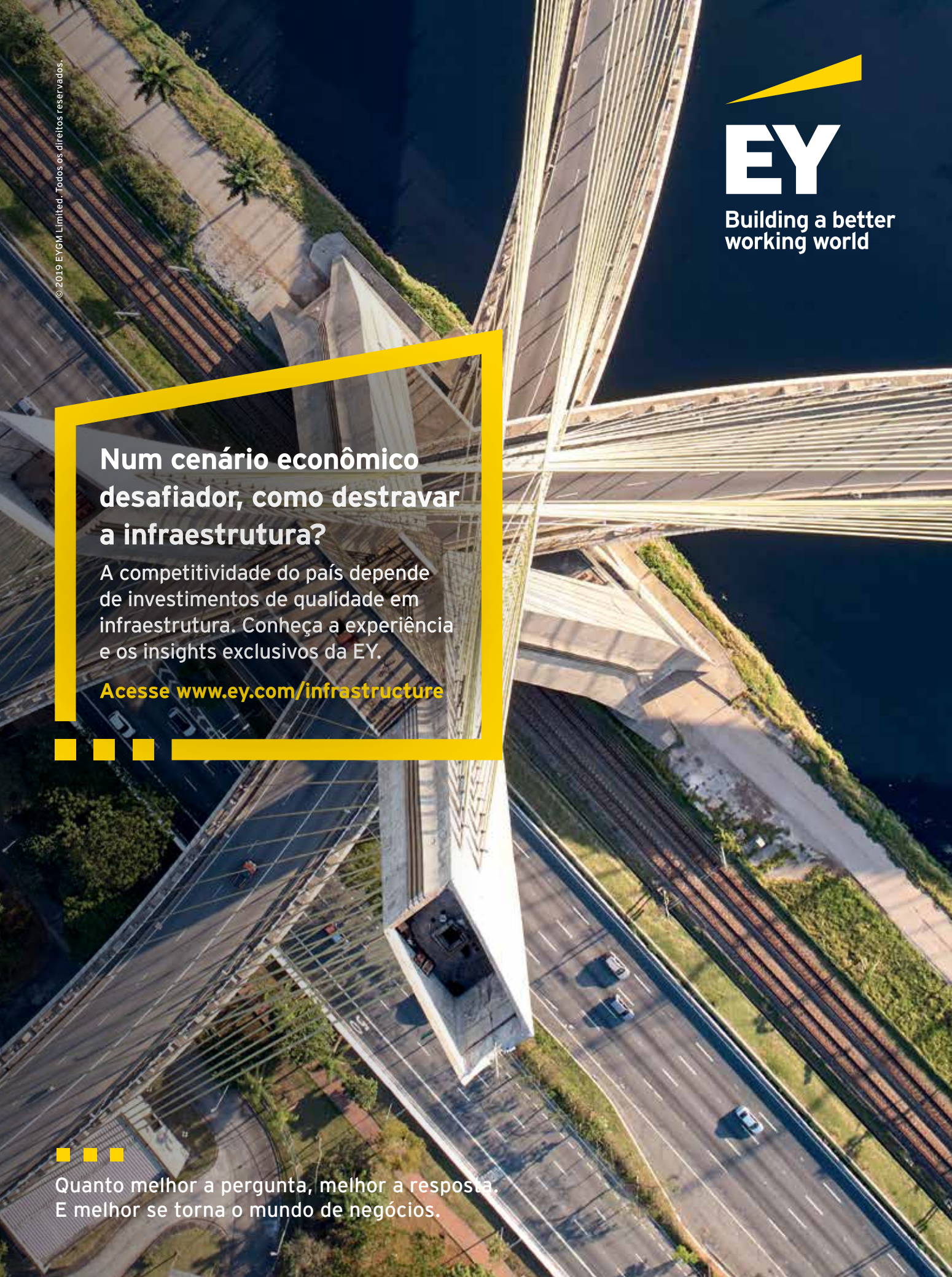
Desse modo, o atual panorama econômico e fiscal impõe ao Estado o papel de articulador do crescimento nacional, criando um ambiente propício para atrair investimentos do setor privado, fomentando a economia e garantindo o bom funcionamento de instituições. Embora as concessões e PPPs tenham sido tratadas no âmbito governamental desde a década de 90, nunca foi tão oportuno debater sobre o tema visando a retomada do desenvolvimento. Em vista disso, a requalificação da infraestrutura e o fornecimento de serviços públicos dependem da mobilização do setor privado, mas a sua efetiva participação exige a superação de algumas questões técnicas e institucionais.

As taxas de juros no Brasil e no mundo apresentam-se baixas, aumentando a disponibilidade de recursos para serem investidos em infraestrutura, não obstante, o Estado não tem sido capaz de suprir a demanda do setor privado por tais projetos. Além da escassez de projetos, muitos deles são mal estruturados. Diversas concessões apresentam um compartilhamento de obras entre o ente público e privado. Quando o setor público atrasa ou não realiza determinada obra, a viabilidade econômico-financeira do projeto pode ser comprometida.

Entretanto, o que aparenta mais desincentivar o investidor nacional e estrangeiro a investir em infraestrutura no Brasil são os problemas institucionais e de governança. As concessões apresentam alto risco regulatório, judicialização e burocratização dos processos, falta de coordenação entre instâncias da administração pública e falta de padronização nos procedimentos. Destaca-se ainda a má distribuição da matriz de riscos, onde muitas vezes os empreendedores privados são responsáveis por riscos que não conseguem gerenciar ou mitigar. Segundo relatório da SEAIN (2018), estudos enfatizaram que a melhoria da governança é um imperativo para alavancar os investimentos privados em infraestrutura no Brasil.

Em resumo, é preciso atrair o capital privado por meio de algumas mudanças institucionais relevantes de governança e de gestão. O Estado precisa assegurar estabilidade e segurança jurídica dos contratos, com a garantia de mínima intervenção nos negócios e investimentos e, quando necessário alterar as condições contratuais iniciais, preservar o equilíbrio econômico-financeiro. Nesse sentido, é necessário dar autonomia as Agências Reguladoras, padronizar processos, diminuir a burocracia, dedicar mais atenção em planejamento e priorização de determinados projetos que possam servir de catalizadores para o desenvolvimento econômico.

**Consultora de Governo e Setor Público da EY.*


© 2019 EYGM Limited. Todos os direitos reservados.
EY
Building a better working world
Num cenário econômico desafiador, como destravar a infraestrutura?
A competitividade do país depende de investimentos de qualidade em infraestrutura. Conheça a experiência e os insights exclusivos da EY.
Acesse www.ey.com/infrastructure
Quanto melhor a pergunta, melhor a resposta.
E melhor se torna o mundo de negócios.

MAERSK

Em março deste ano a Maersk se tornou um fornecedor integrado de logística, com serviços de ponta a ponta, por terra e mar para clientes ao redor do mundo. Para ampliar sua oferta de serviços no Brasil, a empresa integrou 283.000m² de seis terminais terrestres da APM Terminals. O intuito é oferecer um serviço mais completo aos clientes, viabilizando o aumento de eficiência e competitividade.

Os terminais terrestres incluem Cascavel, Paranaguá, Itajaí e Itapoá (dois locais). Agora os clientes poderão utilizar os terminais para armazenamento, limpeza, reparo, cross-docking, incluindo o carregamento de mercadorias de um caminhão para um contêiner ou vice-versa.

Segundo Matias Concha, Diretor de Produtos Maersk Costa Leste da América do Sul, os contêineres são bens escassos, precisam ser reparados e mantidos em ótimas condições para transportar alimentos ao redor do mundo e passar por inspeções de saúde, "Economizar tempo e encontrar oportunidades de armazenamento eficientes, aumenta a eficiência das operações", diz. "Também montamos depósitos internos em grandes clientes em seus centros de distribuição, assim efetuamos estas ações no local, aumentando ainda mais a efetividade", exemplifica Matias.

A Maersk tem a missão global de se tornar a principal empresa integrada de logística de contêineres no mundo, conectando e simplificando as cadeias de suprimentos globais dos clientes com produtos e serviços de ponta a ponta no mar e em terra. A tecnologia também é essencial para essa visão, possibilitando e acelerando o comércio. A digitalização de transações, o desenvolvimento de um aplicativo, a criação de cotações on-line, o rastreamento e o fornecimento de garantias fixas de preço e carga (Maersk Spot) e blockchain estão no centro da meta da Maersk de fornecer produtos e serviços mais completos, transparentes e fáceis de usar para seus 70.000 clientes da divisão de serviço marítimo no mundo todo.

"A competitividade brasileira pode se beneficiar de soluções físicas e digitais de ponta a ponta, focadas na redução de custos e economia de tempo. Precisamos chegar ao ponto onde a logística finalmente se torna tão fácil e rápida quanto comprar um livro on-line no Brasil. É assim que a logística está progredindo em economias como os EUA. Quanto mais próximo chegamos desse modelo, mais cedo a economia, os negócios e os consumidores brasileiros serão beneficiados, ajudando a apoiar e a gerar empregos", acrescenta Matias.

A A.P. Moller-Maersk é uma empresa integrada de logística de contêineres, com operações em 130 países e 70.000 funcionários. A Maersk possui mais de 700 embarcações e também é a maior linha de transporte de carga refrigerada do mundo

ESTRESSE E ANSIEDADE

A Primavera Editorial anuncia a publicação de Under Pressure - Confronting the Epidemic of Stress and Anxiety in Girls, obra da PhD em Psicologia, Lisa Damour. Colunista do The New York Times e colaboradora regular da CBS News, a especialista percorre os Estados Unidos com palestras nas quais alerta pais e educadores para a epidemia de ansiedade e estresse que tem acometido, sobretudo as meninas. No Brasil, o livro foi publicado no mês de outubro sob o título Estresse e Ansiedade: Encarando a epidemia nas garotas.

Segundo Lu Magalhães, presidente da Primavera Editorial, o livro é um guia para refletir, discutir e encarar o crescente aumento da ansiedade e estresse entre as jovens meninas. "Embora esses dois quadros tenham aumentado significativamente entre adolescentes de ambos gêneros, os estudos apontam que a incidência é maior entre meninas. E isso em todo o mundo", salienta, acrescentando que esse é o primeiro livro da autora a ser publicado no Brasil.

Baseada nas experiências como psicóloga clínica e especialista em desenvolvimento de adolescentes, a PhD e autora de Estresse e Ansiedade: Encarando a epidemia nas garotas, apresenta soluções práticas – apoiadas em pesquisas e em uma linguagem acessível – para abordar assuntos que podem ser causadores do estresse e ansiedade entre as garotas.

HARLEY DAVIDSON

Novos modelos, novas tecnologias e mais opções para os clientes são os destaques da linha de motocicletas Harley-Davidson® para 2020. O novo modelo Harley-Davidson Low Rider® S traz um estilo agressivo e o máximo em desempenho para os modelos Harley-Davidson 2020, que também contam com os modelos Heritage Classic 114 e Road Glide® Limited. Outra novidade para 2020 é o sistema Reflex™ Defensive Rider System (RDRS – sistema que aumenta a segurança na pilotagem), um novo conjunto de tecnologias de controle de pilotagem para diversos modelos, que inclui o controle de tração e o sistema de freios antitravamento (ABS).

Esses novos modelos e tecnologias avançadas compõem o plano "More Roads to Harley-Davidson" de acelerar a criação da próxima geração de motociclistas com novos produtos em mais segmentos de motocicletas, acesso mais amplo e um compromisso de fortalecer suas concessionárias no mundo todo.

"Para 2020, a Harley-Davidson oferece aos motociclistas uma série de novos modelos, equipamentos e acessórios

utilizando a nossa inigualável capacidade de combinar estilo, desempenho e tecnologia em produtos criados para elevar a experiência de motociclismo a um novo patamar", disse Jeff Strunk, diretor do portfólio de produtos do consumidor da Harley-Davidson. "Este ano, a Harley-Davidson oferece mais opções para mais motociclistas do que nunca antes", relata.

MERCEDES-BENZ DO BRASIL

Matthias Kaeding é o novo diretor de Compras da Mercedes-Benz do Brasil. Com 20 anos no Grupo Daimler, o executivo assumiu recentemente essa função e é responsável também por Compras na região da América Latina.

A diretoria de Compras engloba uma rede de mais de 400 fornecedores de peças, componentes e sistemas para caminhões e ônibus produzidos na América Latina.

Antes de assumir sua nova função na Mercedes-Benz do Brasil, Matthias Kaeding ocupava, desde 2012, o cargo de gerente sênior de Engenharia de Custos Powertrain Europa da Daimler AG. O executivo iniciou sua carreira na Companhia em 1999, tendo sido promovido, em 2002, a gerente da Rede de Produção e Gerenciamento de Restrições em Stuttgart, na Alemanha. Dois anos mais tarde, em 2004, passou a atuar como assistente executivo em Produção de Motores TGs em Mannheim, onde foi promovido, em 2007, a gerente sênior de Produção de Motores.

Presente no País há mais de 60 anos, a Mercedes-Benz do Brasil, uma Empresa do Grupo Daimler, é a maior fabricante e exportadora de caminhões e ônibus da América Latina, e líder em tecnologia de veículos para transporte de cargas e de passageiros. Atualmente, a Companhia é a única a produzir todos os segmentos de veículos na América Latina: automóveis, comerciais leves (Sprinter), caminhões e chassis de ônibus.

A Empresa tem unidades de produção de caminhões, de chassis de ônibus e de agregados (motores, câmbios e eixos) em São Bernardo do Campo (SP), de cabinas e caminhões em Juiz de Fora (MG) e de automóveis em Iracemápolis (SP), além da unidade de Peças e Serviços ao Cliente, Central de Logística de Peças e Global Training em Campinas (SP).

Em 2018, a Companhia inaugurou uma nova linha de caminhões na unidade do ABC paulista no conceito Indústria 4.0 e lançou o Campo de Provas Mercedes-Benz, o maior do hemisfério sul para veículos comerciais. Em 2019, em segunda fase da Indústria 4.0, iniciou as atividades de uma nova linha de cabinas de caminhões com conceitos produtivos de última geração. Dando continuidade ao ciclo de investimentos no Brasil, a Mercedes-Benz está implementando aporte de R$ 2,4 bilhões entre 2018 e 2022.

ESPUMANTES

FOTO: CASSIUS FANTI

Vendas de espumantes crescem mais de 50% em 2019.

O saboroso hábito de beber espumantes vem ganhando cada vez mais espaço na rotina dos brasileiros. Quem comprova são os números da Cooperativa Vinícola Garibaldi, uma das cinco principais fabricantes nacionais da bebida borbulhante. No primeiro semestre de 2019, a venda desse tipo de produto cresceu acima dos 50% no comparativo com o mesmo período do ano anterior.

O preferido para encher as taças dos consumidores brasileiros é o tipo moscatel, líder no ranking dos mais vendidos da marca. As variedades do tipo rosé despontam de forma promissora: em 2018, responderam por 28% das vendas de espumantes. Em 2019, esse percentual subiu para 33% no primeiro semestre.

Dois fatores ajudam a elucidar o desempenho da marca. O primeiro deles é o investimento forte e continuado na qualidade das bebidas. A Cooperativa Vinícola Garibaldi vem aplicando um bem-estruturado plano de negócios que preza pela excelência de seus rótulos – processo que começa com as orientações adequadas ao produtor agrícola, que entrega as uvas na safra, e segue em cada etapa do processo de fabricação, envolvendo qualificação de colaboradores e investimentos em modernização tecnológica. Por isso, a marca encerrou 2018 com 86 premiações para seus produtos em concursos nacionais e também fora do país – entre eles o título de melhor espumante do Cone Sul (título do Espumante Garibaldi Moscatel no Catad'Or Wine Awards, Chile). Em 2019, já são 45 premiações.

Outro ponto importante nessa equação é a capilarização dos negócios no varejo: a Cooperativa Vinícola Garibaldi vem trabalhando sua presença de marca junto a supermercadistas de todo o país. São eles que respondem, atualmente, pela distribuição de 75% dos produtos da marca.

Até o fim deste ano, a Cooperativa Vinícola Garibaldi deve produzir cerca de 18 milhões de litros de bebida, entre espumantes, sucos e vinhos. O volume é 20% maior que a produção registrada no ano anterior. Os espumantes responderão por 20% do volume e 38% do faturamento da marca.

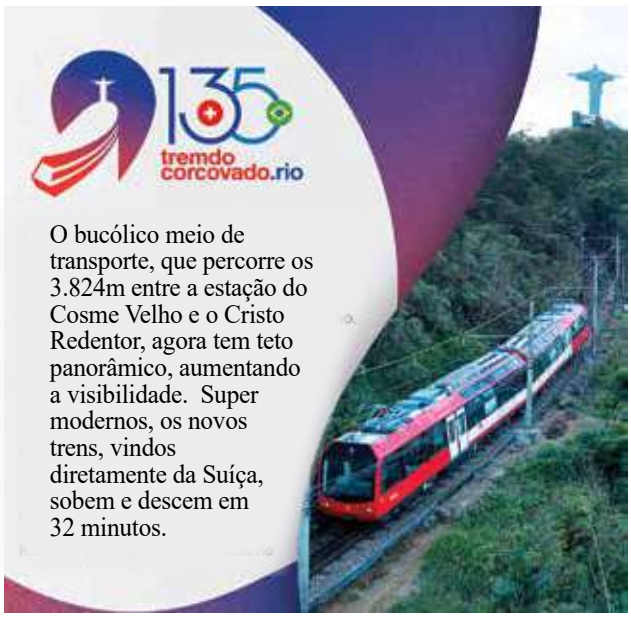
FEBRABAN

FEBRABAN reforça propostas para baixar juros no Brasil.

Em complemento à queda na taxa básica de juros, a Selic, e aos esforços de aprovação das reformas da Previdência e tributária, é urgente uma reforma do ambiente de crédito, com medidas capazes de reduzir os custos da intermediação financeira e remover obstáculos à queda dos juros para as famílias e empresas, defende a FEBRABAN - Federação Brasileira de Bancos. A entidade lançou a 2ª edição do livro "Como fazer os juros serem mais baixos no Brasil", que poderá ser acessada para download no link https://jurosmaisbaixosnobrasil.com.br/.

Desde o lançamento da primeira edição, em dezembro do ano passado, o livro recebeu críticas e elogios na imprensa e nas mídias sociais. Manifestaram-se economistas, políticos, jornalistas e leitores com graus diferentes de conhecimento em economia. Nesta segunda edição, foi incluída uma versão condensada desse debate. O livro também traz uma atualização de dados macroeconômicos e setoriais e o andamento de medidas defendidas pela FEBRABAN e os bancos para reduzir o spread bancário no Brasil.

TREM DO CORCOVADO



O bucólico meio de transporte, que percorre os 3.824m entre a estação do Cosme Velho e o Cristo Redentor, agora tem teto panorâmico, aumentando a visibilidade. Super modernos, os novos trens, vindos diretamente da Suíça, sobem e descem em 32 minutos.

EDITORA ALAÚDE

Editora Alaúde lança "Vegano pelo Mediterrâneo. A riqueza da dieta da região serviu de base para a composição dos pratos que não contém produto de origem animal e vão propiciar ao leitor o prazer de comer bem e de forma saudável.

Realidade nos principais centros gastronômicos do mundo, o movimento vegano ganha agora um poderoso aliado, o livro "Vegano pelo Mediterrâneo", que chega às livrarias pela Editora Alaúde. São 128 páginas, com 50 versões veganas de receitas tradicionais dos países banhados pelas inebriantes águas azuis do Mar Mediterrâneo.

Mundialmente conhecida por ser uma alimentação mais saudável, a comida mediterrânea é rica em frutas, verduras e legumes – regados a bastante azeite de oliva. A obra oferece diversas opções para quem quer ter uma dieta mais nutritiva, sem abrir mão do prazer de comer bem.

DORITOS

Em uma cerimônia realizada no Palco Mundo, no último dia de Rock in Rio, executivas da PepsiCo receberam das mãos de Thiago Amaral, responsável por acessibilidade do festival, o Prêmio Atitude Sustentável na categoria Stand, com DORITOS® RAINBOW. Os critérios analisados para a definição dos vencedores foram atitudes sustentáveis na empresa – dentro e fora da Cidade do Rock, mobilidade, energia, gestão de água, cadeia de valor, gestão de resíduos, reutilização e reciclagem, condições de trabalho, comunicação com o público, espaço e legado.

O Prêmio Atitude Sustentável reconheceu parceiros em três categorias: Stand, Loja e Fornecedores. "Acreditamos que Sustentabilidade e Diversidade caminham lado a lado, integrados à estratégia de negócios. E entendemos que é preciso estender a conversa para um cenário de inclusão, ao proporcionar diversão acessível para todas as pessoas com respeito, conforto e igualdade. Diversidade e inclusão são uma jornada para nós na companhia, por isso, este reconhecimento nos deixa extremamente contentes", declara Daniela Cachich, VP de Marketing da PepsiCo Brasil Alimentos.

Depois de convidar o público a #ColoRiR o Rock in Rio e celebrar as diferenças, DORITOS® confirma presença na edição de 2021 como snack oficial do Rock in Rio, o maior e mais conhecido festival de música e entretenimento do mundo. A marca, uma das primeiras a renovar o patrocínio, acredita na força daqueles que ousam ser eles mesmos, independentemente do que a sociedade possa indicar como o status quo.

A arte da excelência nos resultados pela valorização das pessoas

Roberto Gerassi*

Desde os gurus mais famosos do século passado da gestão da administração como Peter Drucker (O Gestor Eficaz; a Prática da Gerência); Peter Senge (a 5ª. Disciplina); Michael Porter (Vantagem Competitiva); Philip Kotler (Administração de Marketing; Marketing 4.0); e Idalberto Chiavenato (Gestão de Pessoas), a área de treinamento em Gestão de Pessoas (RH) continua recebendo críticas, em grande escala, no que tange a ser um subsistema de custos exagerados, e, os chamados gestores institucionais, por questões diversas, não perceberam, ainda, os grandes benefícios em ter uma área interna para capacitar e desenvolver os colaboradores das diversas organizações.

As empresas que investem na capacitação da sua equipe, obviamente buscam a melhoria nos seus processos, além de investir no capital intelectual daqueles colaboradores, que se beneficiarão por intermédio do desenvolvimento de suas competências.

Para Chiavenato (2010) o treinamento é peça chave no processo de desenvolvimento organizacional, considerando que mesmo em um mundo capitalista e diante de tantas inovações o ser humano ainda é uma das maiores riquezas das organizações. Ainda, para o mesmo autor, treinamento é a experiência que produz uma mudança permanente em um indivíduo e que aperfeiçoa sua capacidade de desempenhar um cargo. O treinamento provoca mudanças no conhecimento dos empregados, refletindo em como eles trabalham e até nas relações com colegas e supervisor.

O desenvolvimento busca maximizar o desempenho motivacional e profissional do indivíduo. Segundo Milkovich e Bourdreau (2010). O desenvolvimento é um processo de longo prazo que intervém de forma positiva nas capacidades dos colaboradores, e em suas valorizando-os para a empresa, e assim, o desenvolvimento inclui o treinamento, a carreira e outras experiências.

As organizações estão atentas a necessidade de estimular o contínuo desenvolvimento das pessoas como forma de manter sua competitividade. Sendo que o desenvolvimento da organização está diretamente ligado à sua capacidade de desenvolver pessoas para também ser desenvolvida por pessoas. (DUTRA, 2009). Dentre os objetivos específicos do treinamento os mais relevantes, destacam-se formação profissional, especialização e reciclagem. Já entre os objetivos genéricos encontram-se: aumento direto na produtividade, aumento direto na qualidade, incentivo motivacional, otimização pessoal e organizacional e, por fim, atendimento de exigências das mudanças.

> ***"...o treinamento é peça chave no processo de desenvolvimento organizacional, considerando que mesmo em um mundo capitalista e diante de tantas inovações o ser humano ainda é uma das maiores riquezas das organizações."***

Diante do exposto, foi observado em várias organizações que possuem a referida área de atuação que os valores financeiros deixaram de ser prioridade de indicadores de gastos pelos resultados que foram alcançados, maximizando, desta forma, os índices obtidos.

É preciso entender que as pessoas das instituições precisam ser preparadas por meio de programas de capacitação, treinamento/desenvolvimento para qualquer tipo de função/cargo, de modo que a organização se prepare para uma sobrevivência de longo prazo, onde serão estabelecidos indicadores com performances de absoluto sucesso, diante dos modelos e níveis empresariais.

Acreditar no potencial das pessoas é o segredo!!!!

CHIAVENATO, I. Gestão de Pessoas. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

DUTRA, J. S.. Gestão de pessoas: Modelo, processos, tendências e perspectiva. São Paulo: Atlas, 2009.

MARRAS, J.P. Administração de Recursos Humanos, 13ª ed. São Paulo: Saraiva, 2009

MILKOVICH, G. T.; BOUDREAU, J. W., Administração de Recursos Humanos. São Paulo: Atlas, 2010.

**Mestrando em políticas públicas em saúde pela FIOCRUZ /Brasília, atua como Coaching, profissional de Gestão de pessoas e Gestão da Qualidade, Docente em Cursos de Pós-Graduação, e Graduação em Administração, Gestão de RH, e psicologia. Psicólogo com MBA em Desenvolvimento de RH, e MBA em gestão pela Qualidade.*

Livro conta fundamentos da Previdência Complementar

Falar sobre previdência privada com profundidade, mas de maneira didática, foi a proposta que deu vida ao livro "Fundamentos da previdência complementar: da administração à gestão de investimentos", organizado pelo economista Fabio Giambiagi e pela doutora em administração, Arlete Nese .

A obra, lançada pelo **Grupo Editorial Nacional (GEN)** tem prefácio do diretor ex-superintendente da Previc, Fabio Coelho, orelha do professor do Insper, Sergio Lazzarini, e contracapa da jornalista Geralda Doca.

A alteração prevista nas regras em vigor da previdência e as novas exigências de comprovação de conhecimento específico para os profissionais da área de fundos de pensão, assim como a necessidade de melhor desempenho dos investimentos da previdência privada, foram fatores decisivos que motivaram os autores a produzir o guia inédito.

"O livro vai ao encontro das medidas que estão trazendo inovação à previdência complementar e tem como objetivo contribuir para a atualização dos profissionais de diversas instituições, para que consigam se adequar às novas exigências do mercado. A análise da bibliografia exigida nas provas para profissionais que atuam com fundos de pensão e a abordagem inovadora para o conteúdo relacionado à previdência aberta são diferenciais deste trabalho", esclarece Arlete Nese.

GAIA SILVA GAEDE
ADVOGADOS

- Tributário
- Societário
- Regulatório
- Civil Empresarial
- Trabalhista
- Previdenciário

São Paulo | Rio de Janeiro | Curitiba | Belo Horizonte | Brasília

www.gsga.com.br

XIV Forum IBEF Oil, Gas & Energy 2019

No dia 20 de setembro de 2019 realizamos o XIV Fórum IBEF Oil, Gas & Energy no Centro de Convenções Prodigy, Aeroporto Santos Dumont. O tema desta edição do fórum foi TRANSIÇÃO ENERGÉTICA e contou com diversos painéis reunindo importantes players do setor. O evento foi realizado pelo IBEF-Rio e pela Maintrends com patrocínio da KPMG, Multiterminais, Regus, Gaia Silva Gaede Advogados, Pinheiro Neto Advogados, Energizzi Energias do Brasil, Carvalhão e Junto Seguros.

Contou com o apoio institucional da Abespetro, ABPIP, AHK, ABGP, ABGR, ABIMAQ, Advance Auditores Independentes, CCI França Brasil, Câmara Ítalo Brasileira, Câmara Portuguesa, Consulado Britânico, IBP, ISA, NBCC, Nempi, NORWEP, Portal Fornecedor e Negócios, Rio Locações, Sobena e Terrasse Club. Nossos apoiadores de mídia foram: **Revista IBEF**, Brasil Energia, EPBR, Plurale em Revista, Revista Macaé Offshore, Subsea World Brazil Magazine e a Tn Petróleo.

A temática "The Renewable Energies of the Oil and Gas Sector: Technology Building a Sustainable Future" foi amplamente debatida.

A transição da matriz energética para energias renováveis é uma exigência social crescente. O caminho será necessariamente pavimentado com a participação ativa do setor de Oil & Gas. Longe de serem vilões, as Operadoras de Petróleo e seus parceiros devem ser vistos como importantes aliadas das energias renováveis. Além de gerar níveis significativos de fluxo de caixa, possuem redes de infraestrutura com abrangência global.O desenvolvimento de tecnologias de sequestro de carbono, novos métodos e processos para tornar a energia do petróleo mais limpa, além de investimentos em energias renováveis como solar, eólica e biocombustível, têm sido encorajadas e lideradas por grandes empresas do setor.

A OGCI (The Oil and Gas Climate Initiative) formada pelas principais empresas de Oil & Gas mundial, tem como meta investir um bilhão de dólares na próxima década para contribuir com uma matriz energética de baixo carbono. Em termos de geração limpa, o Brasil é destaque mundial pela posição das energias renováveis na sua matriz energética.

Marcos Varejão, Secretário Geral do IBEF Rio de Janeiro, iniciou o evento dando boas-vindas aos participantes, agradecendo aos patrocinadores, apoiadores e a Fernando Potsch, vice-presidente de Óleo & Gás do IBEF Rio de Janeiro, diretor da Maintrends e coordenador do evento.

Em seguida, Ricardo Vieira Coelho, presidente do Conselho de Administração do IBEF Rio de Janeiro e sócio do escritório Pinheiro Neto Advogados contextualizou a temática e convidou Roberto Ardenghy, diretor executivo de Relacionamento Institucional da Petrobras para iniciar sua palestra sobre "Petrobras: A Nova Visão Estratégica".

Na sequência, iniciaram os painéis que tratavam de assuntos diversos relacionados a Transição Energética.

No primeiro painel – "Mindset: Como as Empresas do Setor de Oil&Gas se Tornam as Empresas de Energia de Amanhã?" com moderação de Fernando Potsch, vice-presidente de Óleo & Gás do IBEF Rio de Janeiro, diretor da Maintrends. Contamos com a presença de André Araujo, presidente da Shell Brasil; Margareth Ovrum, CEO da Equinor; Philippe Blanchard, presidente da Total E&P do Brasil.

No segundo painel, o moderador Gustavo Damázio de Noronha, presidente executivo do IBEF Rio de Janeiro e sócio do escritório Gaia Silva Gaede Advogados apresentou a temática "DNA Disruptivo: Tecnologias a Serviço da Transição Energética do Setor de Oil&Gas". Nossos palestrantes foram: Alejandro Duran, Latin America Fullstream Executive Director da Baker Hughes/ LATAM; José Mauro Ferreira, vice-presidente Comercial da TechnipFMC Brasil; Juan Carlos Cuervo presidente da Schlumberger, América Latina Sul; Lauro Puppim, diretor de Desenvolvimento de Negócios Subsea da Saipem do Brasil.

Durante intervalo para *coffee-break* os participantes tiveram a oportunidade de trocar cartões e interagir com os palestrantes.

Após o breve intervalo, o terceiro painel "Projetos Inovadores: Novos Paradigmas do Setor de Oil&Gas" foi apresentado por Manuel Fernandes, membro do Conselho de Administração do IBEF Rio de Janeiro e Líder Energia e Recursos Naturais da KPMG LATAM. Em *talk show*, Mariano Ferrari, CEO da Repsol Sinopec; Mariano Vela, presidente da Chevron Brasil; Miguel Pereira, CEO da Petrogal e Júlio César Moreira, diretor de Novos Negócios e Assuntos Governamentais da Wintershall Dea Brasil discursaram sobre os novos paradigmas.

"Drives Inovadores: Sustentabilidade Energética" foi a temática do quarto e último painel moderado por Fernando Potsch, coordenador do evento. Tivemos a presença de Cláudio Makarovsky, Head O&G Sales da Siemens e presidente da ABESPetro; Daniel Hiller, Commercial & Strategy Director da Subsea7 Brazil; Eduardo Chamusca, Country Director da SBM Offshore e Victor Bomfim, CEO da Açu Petróleo.

No encerramento tivemos a honra de contar com as palestras de Lucas Tristão, Secretário de Desenvolvimento Econômico, Emprego e Relações Internacionais do Estado do Rio de Janeiro e Renata Beckert Isfer, Secretária de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis – interina do Ministério de Minas e Energia que discursaram sobre as Perspectivas e Desafios Brasileiros e para o Estado do Rio de Janeiro no setor de Oil&Gas.

Para coroar este concorrido evento os participantes foram convidados ao Networking Light Lunch, momento muito aguardado por todos onde o IBEF Rio de Janeiro fomenta a troca de cartões, o conhecimento e a interação entre os empresários e executivos presentes.

Quando a matemática das bolhas de sabão ajuda a explicar os problemas da vida real

Ao estudar uma simples bolha de sabão, os matemáticos abrem caminhos para compreender, por exemplo, o que acontece em volta dos buracos negros e também no interior das ligas metálicas

O que há em comum entre a bolha de sabão que uma criança assopra no ar, as ligas metálicas que sustentam uma construção e os arredores dos buracos negros que nos rondam? Há um elo invisível que os conecta: a matemática, uma ciência capaz de aproximar os mais diferentes fenômenos na busca por compreendê-los.

Os primeiros matemáticos que se dedicaram ao estudo das bolhas de sabão não imaginavam que seus conhecimentos um dia poderiam ser utilizados para investigar fenômenos celestes tão inusitados quanto os buracos negros, mas essa é outra característica dessa ciência: a imprevisibilidade de suas futuras aplicações. Com a suspeita de que a matemática das bolhas de sabão se assemelha à que permeia os arredores dos buracos negros, há ainda mais motivos para pesquisar as bolhas de sabão, muito mais acessíveis e seguras.

Essas superfícies que encantam as crianças podem ser estudadas em praticamente todo lugar: basta misturar água e sabão em uma concentração tal que, ao pegar um arame com o formato clássico do círculo, e mergulhá-lo na solução, uma película fina, flexível e resistente surgirá. Ao assoprar essa película, que está grudada nas bordas do arame, você poderá formar uma bolha de sabão e, se tiver alguma habilidade, ela se desprenderá e voará pelo espaço até estourar. Continue a experiência matemática usando sua criatividade para moldar o arame em diversos formatos. Note que uma película surge unida às bordas toda vez que o objeto metálico é mergulhado na solução e, à medida que você muda o formato do arame, altera-se também o formato da película.

No entanto, calcular matematicamente o tamanho dessas diferentes estruturas que nascem a partir da experiência com água e sabão não é algo trivial. “A tentativa de entender essas superfícies mínimas foi o que motivou a construção de áreas novas de pesquisa”, explica Pedro Henrique Gaspar Marques da Silva, 27 anos, formado em matemática pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação (ICMC) da USP, em São Carlos. “Os matemáticos têm sido desafiados a pensar sobre essas superfícies mínimas há mais de um século”, completa o rapaz, que está fazendo pós-doutorado na Universidade de Chicago, nos Estados Unidos.

Ele voltou em agosto para receber o Prêmio Carlos Gutierrez de Teses de Doutorado, que reconhece, a cada ano, a melhor tese em matemática defendida no Brasil no ano anterior: “Meu trabalho está no meio do caminho entre a geometria e as equações diferenciais. Aliás, os matemáticos construíram a ponte entre essas duas áreas exatamente para tentar entender as superfícies mínimas”.

Depois de receber a premiação, Pedro ministrou uma palestra no auditório Fernão Stella Rodrigues Germano, em que abordou os principais resultados de sua tese. Na plateia, professores e participantes do Workshop de Teses e Dissertações do ICMC acompanhavam atentos às explicações técnicas. A seguir, subimos até o terceiro andar da Biblioteca Achille Bassi para admirar, de perto, o Ipê Amarelo florido. Ao nos sentarmos em uma das mesas, Pedro volta a explicar, pacientemente, alguns conceitos matemáticos com os quais trabalha. Diante de uma jornalista, depara-se com a impossibilidade de usar os mesmos termos e equações que apresentou na palestra. Mas isso não o incomoda: perspicaz, Pedro encontra metáforas e exemplos para compartilhar o que sabe.

Aliás, ele tem essa facilidade para ensinar desde criança, revela o avô materno, Paulo Afonso Marques. Presente na cerimônia de premiação, Paulo conta que, quando o neto estava no ensino fundamental e o semestre próximo do fim, o garoto continuava indo à escola. Então, o avô perguntava: “Pedro, você já eliminou todas as matérias, pra que está indo à escola?” O garoto respondia: “Meus colegas não terminaram ainda, tenho que ajudá-los”.

A mãe, Ana Paula Gaspar Marques da Silva, completa: “Ele sempre gostou muito de ensinar. Quando estava no ensino médio, minha casa vivia cheia de amigos e colegas”. Para ela, a qualidade mais marcante do garoto, desde sempre, é a humildade.

Forças em equilíbrio – Mas o que torna as películas de sabão atraentes aos olhos dos matemáticos e aos olhos de Pedro, em especial? “Essas superfícies são resultado de um

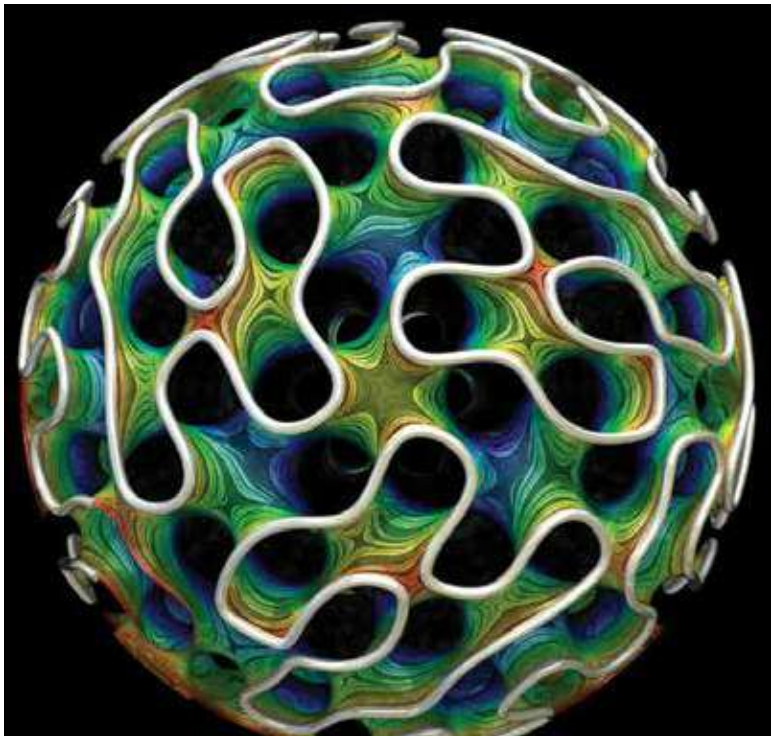


FOTO: PAUL NYLANDER

(1)

estado de equilíbrio de forças físicas: há pressão de um lado e de outro da película. E a forma final adquirida pela superfície é resultado do equilíbrio dessas forças". Nesse estado de equilíbrio, a película adquire também uma interessante propriedade geométrica: possui a menor área entre todas as superfícies que são limitadas por uma curva fechada. É daí que vem o nome desses objetos matemáticos: superfícies mínimas.

Há muitas situações do cotidiano em que as superfícies mínimas aparecem e os conhecimentos matemáticos da área podem ser aplicados. Pedro cita como exemplo o desafio de unir várias antenas, receptores ou radares, de maneira a otimizar a captação de sinais. Outro exemplo vem da arquitetura: "Imagine que você tem um palito na mão e vai girá-lo, sem completar a volta, e deslocá-lo para cima. A superfície que será criada pela trajetória descrita por esse palito é uma superfície mínima. Então, se eu fizer uma casa cujo telhado tem esse formato, terei que calcular matematicamente onde colocar as vigas para manter a estrutura em equilíbrio".

O nome dessa simpática superfície descrita por Pedro é helicoide e, para recriá-la, basta modelar um arame em formato de espiral e mergulhá-lo no mesmo recipiente com água e sabão usado para produzir as bolhas. Se você quiser pesquisar ainda mais as interessantes propriedades matemáticas desse estranho objeto, pode construí-lo usando palitos de picolé. Os palitos farão você visualizar com clareza que, em cada ponto do helicoide, passa uma reta, a qual está inteiramente contida nessa superfície mínima.

O helicoide de palitos de picolé foi um dos muitos experimentos que encantou um grupo de estudantes do segundo ano do ensino médio da Escola Antonio Raimundo de Melo, na cidade de Carnaubal, no Ceará. A pesquisadora Lucimara Andrade realizou uma série de atividades com esses alunos para discutir as propriedades básicas das superfícies mínimas. O projeto é fruto do mestrado profissional em matemática (PROFMAT) que Lucimara desenvolveu na Universidade Federal do Ceará, sob orientação do professor Marcelo Melo. O trabalho resultou também na publicação do artigo Superfícies mínimas e bolhas de sabão no Ensino Médio, na revista Thema.

"O estudo contribuiu muito para a formação educacional dos estudantes, possibilitando a eles um contato teórico e prático com tópicos matemáticos voltados quase exclusivamente para alunos de pós-graduação em matemática", ressaltam Marcos e Lucimara no artigo. "Esta experiência comprova que com iniciativa e criatividade, a matemática (mesmo aquela matemática que aparentemente faz parte apenas da rotina de pesquisadores de alto nível) pode deixar de ser temida e rejeitada por muitos estudantes,

Texto: Denise Casatti – Assessoria de Comunicação do ICMC/USP

e passar a ser vista como uma ferramenta indispensável e presente no dia a dia dos alunos do ensino médio", concluem os autores.

Dimensões além – Se estudar as superfícies mínimas no planeta Terra já é desafiador, imagine só fazer isso em outro planeta. A questão parece totalmente fora de propósito, mas é usando essa brincadeira que Pedro nos lança para outras dimensões: "Uma criança entediada, que está em outro planeta, no qual há várias dimensões, resolve fazer uma bolha de sabão. Em vez de sair uma esfera voando, a bolha tem um formato estranho, que se parece com o que a gente chama de hipersuperfíceis".

Para entender uma hipersuperfície, precisamos mesmo usar nossa imaginação. Isso acontece porque, aqui na Terra, bastam três números para definirmos matematicamente os objetos tridimensionais que vemos. Pense em uma caixa, para saber o espaço que ela ocupa, é só identificar a largura, a profundidade e a altura, ou seja, suas três dimensões. Então, por que os matemáticos insistem em pensar em mais dimensões se no nosso mundo tem só três?

Pedro explica: "Cada dimensão pode ser considerada como uma quantidade que a gente quer medir. Imagine que vamos estudar o problema de uma empresa: ela quer minimizar o quanto gasta para produzir um produto e tem um monte de fatores para levar em consideração – custo de materiais, das pessoas, do transporte do material, do transporte do produto final até o local de venda, etc. Bem, cada um desses fatores pode ser considerado como se fosse uma dimensão. Para tentar achar um valor ótimo, temos que estudar mais dimensões além de três".

Se você achava que bastavam três dimensões para resolver os problemas do nosso mundo, acaba de descobrir que já vivemos em um planeta que demanda pesquisar muitas outras dimensões, mesmo que elas sejam invisíveis.

FOTO: DENISE CASATTI

O que Pedro estudou em sua tese é como o calcular o espaço ocupado pelas superfícies mínimas quando temos mais do que três dimensões: "Para criar uma liga de metal, por exemplo, várias substâncias são unidas e, olhando para o interior desse material, podemos localizar espaços em que as substâncias estão em equilíbrio. A superfície que aparece entre esses diferentes materiais se parece com aquelas que ocorrem nas bolhas de sabão."

De volta ao começo – Ao receber o Prêmio Gutierrez pela tese de doutorado A equação de Allen-Cahn e aspectos variacionais de hipersuperfícies mínimas, defendida no IMPA e orientada pelo professor Fernando Codá, Pedro se lembrou de seus primeiros passos em matemática: "Voltar para o ICMC é quase como voltar para casa. Foi realmente onde eu comecei a gostar de fazer matemática. Um dos fatores fundamentais que construíram a ponte para o que aconteceu depois – o meu doutorado – foi a iniciação científica".

Sob orientação do professor Fernando Manfio, do ICMC, Pedro desenvolveu projetos de iniciação científica durante três anos, todos com bolsas de estudo: um ano com recursos provenientes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e dois com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). "A iniciação científica me abriu várias portas, possibilitando ir a eventos, simpósios, conferências, workshops".

Quando visitou o ICMC pela primeira vez, um pouco antes de ficar sabendo que havia sido aprovado no vestibular da Fuvest, Pedro se encantou pelo ambiente acolhedor. "Algo que se confirmou ao longo da graduação: é um ambiente quase familiar, os professores são muito acessíveis e os colegas de turma dispostos a ajudar". Foram as forças desse espaço, em equilíbrio, que possibilitaram a Pedro explorar muitas superfícies matemáticas.

Foto (1) Para compreender as hipersuperfícies, é preciso usar a imaginação.

Foto (2) A professora Maria Aparecida Soares Ruas falou sobre a relevância do pesquisador Carlos Teobaldo Gutierrez Vidalon durante a cerimônia de premiação; à esquerda, estão o professor Daniel Smania, Pedro e o professor Fernando Manfio.

Representação comercial: os riscos de um passivo oculto

Karen Mansur Chuchene e Danielle Blanchet *

O tema da representação comercial já é bastante conhecido pelos empresários; contudo, sua prática ainda é bastante controversa e a elaboração de contratos simplórios, aliada a gestão equivocada destes, pode gerar passivos relevantes, tanto de natureza cível quanto trabalhista, especialmente se considerarmos que, pelo próprio nível de confiança que a natureza dos serviços demanda, estas relações costumam ser bastante longas.

Quanto ao aspecto cível, a maioria das controvérsias gira em torno do pagamento de comissões: alteração de percentuais, pagamentos sobre o valor da nota fiscal de venda com ou sem desconto de impostos e adiantamento de comissões. Assim, o pagamento realizado de forma equivocada ou mesmo a ausência de certas cautelas e previsões específicas em contrato dará margem à possibilidade de revisão do respectivo contrato sobre todos os valores pagos desde o início de sua vigência, trazendo ao empresário um passivo que na maioria das vezes não era esperado e muito menos contingenciado.

Outro fator relevante e polêmico é a indenização de 1/12 (um doze avos) a ser paga no término do contrato de representação comercial. Como esta indenização pode envolver valores substanciais, as empresas vêm criando "soluções alternativas" para evitar problemas de caixa decorrentes do pagamento em uma única ocasião, tais como a diluição desta indenização em pagamentos mensais e contínuos. Contudo, isto muitas vezes é feito sem que se atente para as consequências jurídicas, uma vez que esta prática não vem sendo aceita pelos Tribunais.

Os Tribunais também não possuem entendimento pacífico quanto as questões relacionadas a desídia e descumprimento contratual pelo representante comercial, especialmente para fins de rescisão do contrato por justa causa e, consequentemente, ausência de pagamento da indenização de 1/12. Deste modo, estas situações devem ser muito bem analisadas e detalhadas em contrato, cuidando-se também com os aspectos trabalhistas no momento da redação destas cláusulas.

Já no âmbito trabalhista, é importante destacar que questões como estipulação de metas, fornecimento de recursos (tablets, celulares, veículos, etc.), acesso ao sistema da empresa, dentre outras facilidades comuns à nossa realidade atual, devem ser analisadas e ponderadas com o máximo de cautela, pois sua adoção pode desvirtuar a natureza autônoma da atividade de representação comercial.

Também deve-se evitar a estipulação de horários e formato de trabalho do representante, bem como atentar-se à forma de definição destes aspectos sensíveis em contrato, pois eles podem ser decisivos, a depender da prática da empresa, para que se constate a existência de subordinação do representante à contratante o reconhecimento do vínculo empregatício.

Estas são apenas algumas situações relevantes que demonstram que a elaboração criteriosa dos termos e condições dos contratos de representação comercial, bem como a gestão apropriada de sua implementação pelas partes, são essenciais para que as empresas representadas minimizem riscos futuros, ou até mesmo estanquem o aumento de um passivo que em muitos casos ainda não aparece, mas já existe e pode ser relevante.

** Advogadas das Áreas Corporativa e Trabalhista, respectivamente, do Marins Bertoldi Advogados.*

Como atrair e reter a geração Z?

*Mylena Cuenca**

O mercado de trabalho está começando a receber uma nova geração de profissionais, a chamada geração Z, que são os nascidos entre 1995 e 2010. Os nativos digitais, como são chamados, são reconhecidos pela facilidade com a tecnologia, a busca por propósito, crescimento acelerado e dinâmico.

Segundo o IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, jovens entre 18 e 24 anos representam 15% da população maior de idade no país. E as empresas começam a se preparar para receber esses novos colaboradores, que se diferenciam pela alta capacidade inovadora e tecnológica, uma necessidade cada vez mais demandada pelas empresas que passam pela transformação digital.

Um estudo feito pela CNDL (Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas), SPC Brasil (Serviço de Proteção ao Crédito) e SEBRAE, revela que 42% desses jovens buscam trabalhar com o que gostam. Para eles, o propósito é fundamental. Empresas que não tem um propósito bem definido, tendem a ser menos atrativas para esse público.

Eles precisam entender porque estão naquela companhia e, melhor ainda, saber se estão fazendo alguma diferença no mundo ou na vida de alguém. Para eles, é inaceitável ser apenas mais um. Querem fazer parte de algo maior, significativo. Inclusive, iniciativas sociais costumam agradar, já que eles gostam de vestir a camisa da empresa e lutar pelo que acreditam.

Além disso, o equilíbrio entre vida pessoal e profissional é fundamental, mesmo que não exista uma divisão clara. Bater cartão de ponto é algo que simplesmente não faz sentido. Eles gostam de ter autonomia e flexibilidade para arquitetar ideias e implantá-las. Empresas que oferecem benefícios como home-office se tornam mais desejadas. Um ambiente aberto, dinâmico, onde o relacionamento e a comunicação com outros colegas profissionais seja mais fácil, e não exista um lugar fixo para trabalhar, também proporciona espaços para que esses jovens falem tanto de aspectos pessoais quanto profissionais em um mesmo ambiente.

O salário é importante para 31% deles, de acordo com a pesquisa. Eles até querem uma boa remuneração, mas sem abrir mão do propósito, da autonomia e de um bom plano de carreira. A geração Z quer velocidade tanto na carreira quanto nas tomadas de decisões. Aprendem muito rápido e, na visão deles, em pouco tempo já estão preparados para uma nova posição dentro da companhia.

Como são imediatistas, se não conseguem o que querem, tendem a buscar outras oportunidades, numa postura tão

dinâmica e desprendida que chega a chocar as gerações anteriores, acostumadas a passarem vários anos em uma mesma empresa, construindo uma carreira mais sólida.

Eles também não costumam gostar de hierarquias. Para esses jovens, diretores e presidentes são pessoas comuns e não devem ser tratadas de um jeito diferente. Da mesma forma, tem que tomar mais cuidado com os feedbacks negativos, pois dependendo da situação, podem interpretar de forma errada, desmotivando-os dentro das suas funções. A geração Z tende a achar que estão sempre certos. Os mais velhos é que não entendem suas formas de pensar porque já estão ficando para trás. Eles entendem ser inovadores, tecnológicos e pensam lá na frente.

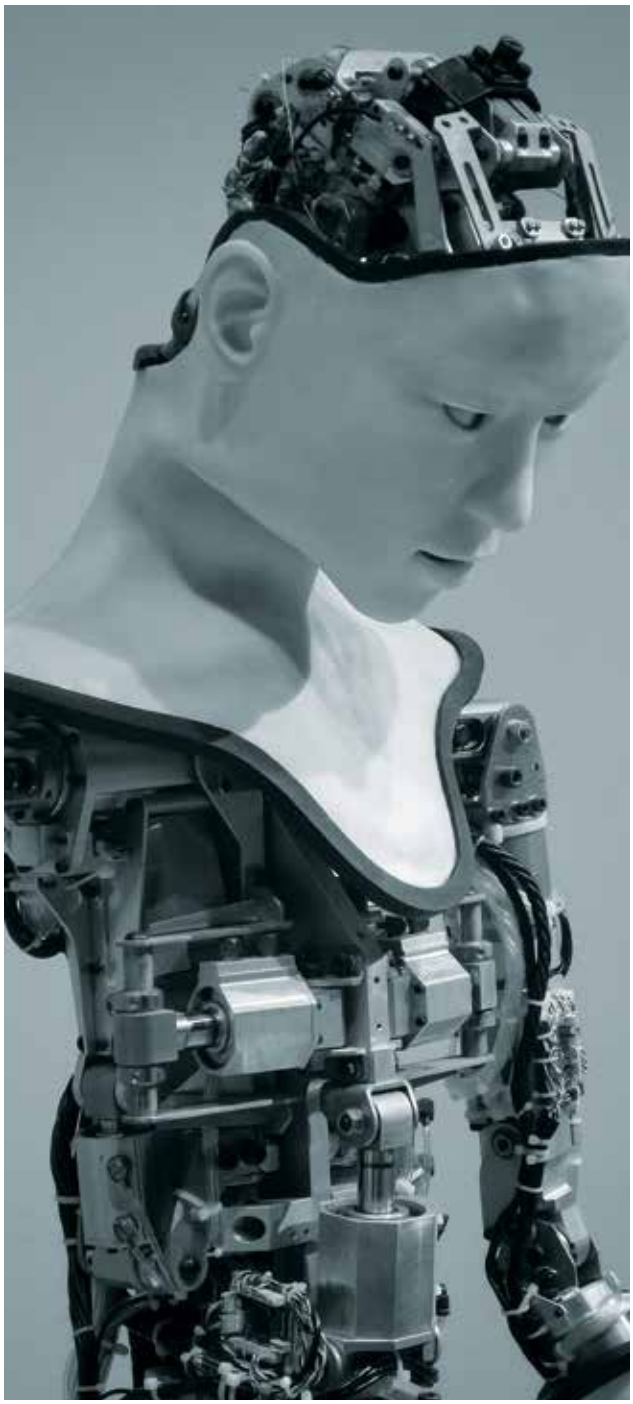
Cabe destacar que esse é um ponto que merece muita atenção das empresas, visto que pela primeira vez na história, temos tantas gerações trabalhando simultaneamente. É imprescindível entender as características, necessidades e anseios de cada uma, buscando alcançar os objetivos comuns da empresa. É preciso haver respeito mútuo.

Para atrair e reter esses novos profissionais, as empresas precisam buscar formas de motivá-los o tempo todo. Eles gostam de receber estímulos, em especial aqueles que valorizam a diversidade e as causas sociais. Espaços abertos, com relações flexíveis, respeito e inclusão são os mais procurados por esses jovens que tem muito a contribuir nesses novos contextos de mundo e de mercado. Projetos inovadores dependem da ousadia e desprendimento da geração Z.

** Administradora de empresas pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, headhunter na Trend Recruitment, consultoria boutique de recrutamento e seleção para marketing e vendas.*

Criatura versus Criador

*René Dutra**



Originalmente todos os bens existem na natureza para serem consumidos ou utilizados pelo ser humano, sem qualquer valor monetário.

No início da civilização o homem se dirigia à natureza e recolhia um vegetal, uma caça, ou um peixe para sua alimentação, normalmente ingeridos sem qualquer beneficiamento ou rudimentarmente beneficiado.

O desejo insaciável de consumo e utilização de bens mais elaborados obrigou a humanidade a desenvolver formas de transformar esses bens rudimentares em outros, mais sofisticados.

Essa sofisticação evoluiu, e continua a evoluir, a tal ponto que conseguiu a obtenção de bens de alta tecnologia, tais como foguetes interplanetários, estações espaciais e robôs. Estes últimos ameaçando a atividade econômica da própria humanidade, com a eliminação do emprego.

Será que se alcançará o desenvolvimento de um robô que execute todas as fases de elaboração dos bens, extraindo da natureza, desde os mais brutos, isto é, animais, vegetais e minerais, no estado natural, até os mais sofisticados (os próprios robôs), reduzindo, drasticamente, a utilização do ser humano nos processos produtivos?

Se essa hipótese se concretizar, grande parte da humanidade viverá no ócio total, embora se beneficiando do trabalho desenvolvido por essas máquinas maravilhosas. O que seria das gerações futuras que teriam de suportar a "chatice" de não ter nada para se ocupar, com o robô substituindo a maior parte das atividades hoje executadas pelo homem.

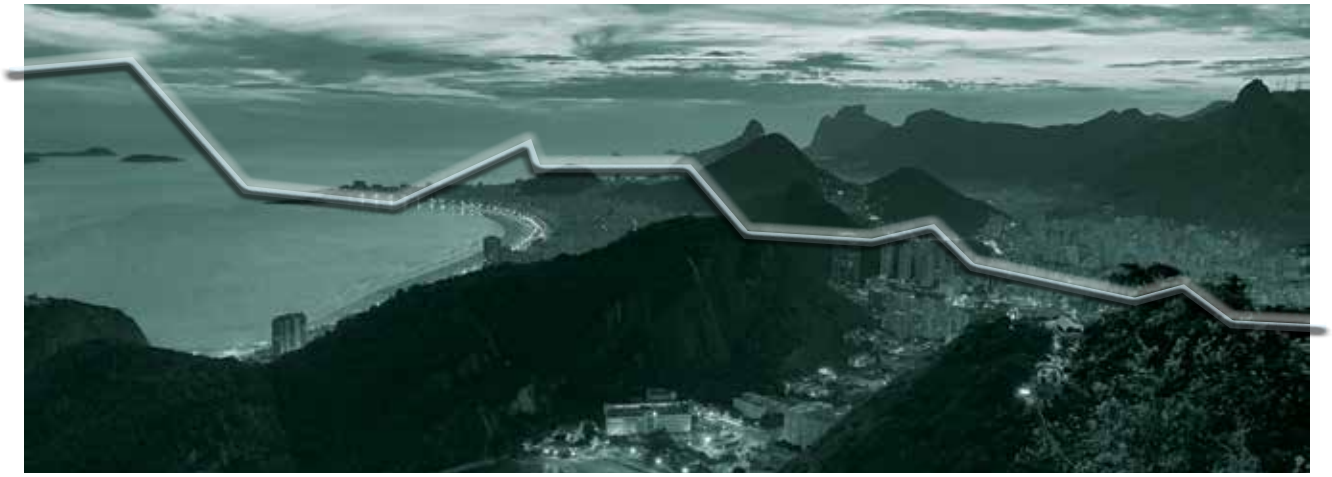
Ufa!!!!!

A criatura substituindo o criador.

Quem mandou usar sua inteligência para criar o algoz que acabou por tornar você um ser insignificante, cuja utilidade ficou grandemente reduzida?

**Contador, economista, mestre em contabilidade, professor e autor do livro "Custos: uma abordagem prática", 8ª ed, Editora Atlas.*
Consultor responsável pela implantação de controle e gerenciamento de custos e avaliação e gerenciamento de ativos.

IFGF: Rio de Janeiro está entre os piores avaliados em ranking de gestão fiscal das capitais brasileiras



O Rio de Janeiro está entre os piores avaliados em ranking de gestão fiscal das capitais brasileiras, ocupando a penúltima posição, a frente apenas de São Luís. Considerando os municípios fluminenses, a capital está na 60ª posição. E, na análise nacional, fica no 2.979º lugar. É o que aponta o Índice Firjan de Gestão Fiscal (IFGF), elaborado pela Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), com base em dados fiscais oficiais de 2018.

Foram avaliadas no estudo as contas de 5.337 municípios brasileiros, que declararam as contas até a data limite prevista em lei e estavam com os dados consistentes. Nelas, vive 97,8% da população. No estado do Rio de Janeiro, das 92 cidades foram analisadas 79, onde vivem 15,7 milhões de pessoas. O índice varia de 0 a 1 ponto, sendo que quanto mais próximo de 1 melhor a situação fiscal do município.

Com o objetivo de apresentar os principais desafios para a gestão municipal, são abordados os indicadores de Autonomia, Gastos com Pessoal, Liquidez e Investimentos. O novo indicador de Autonomia verifica a relação entre as receitas oriundas da atividade econômica do município e os custos para manutenção da estrutura administrativa.

De acordo com a análise, na comparação com 2013, quando teve início a série histórica do índice, houve uma piora na gestão fiscal do município do Rio de Janeiro. Há cinco anos, a capital fluminense ocupava a primeira posição no ranking estadual e o segundo lugar entre as capitais. Os dados mostram que a rigidez orçamentária por conta dos gastos com pessoal aumentou, o planejamento orçamentário que resultou em falta de liquidez para arcar com obrigações financeiras piorou e houve deterioração dos investimentos públicos. Com isso, apesar do elevado nível de autonomia, o IFGF da capital do estado do Rio fechou 2018 com 0,4227 ponto, nível inferior à média do estado (0,4969 ponto).

Nas melhores posições do ranking fluminense estão as cidades de Niterói (0,8066 ponto), Maricá (0,7184 ponto), Rio das Ostras (0,7180 ponto), Paraty (0,7169 ponto) e Conceição de Macabu (0,7135 ponto). Esses municípios se destacaram pelo baixo comprometimento do orçamento com despesas obrigatórias e pela boa capacidade de planejamento financeiro, o que proporcionou boa liquidez. Apesar dessa pontuação por conta da maioria dos indicadores, o estudo aponta que houve baixo percentual de investimentos nas cidades de Niterói, Paraty, Rio das Ostras e Conceição de Macabu e que o município de Maricá ficou com nota zero no indicador de Autonomia.

A média geral dos municípios fluminenses no IFGF foi de 0,4969 ponto, desempenho levemente superior ao nacional (0,4555 ponto). De qualquer forma, a maioria das cidades do estado (73,4%) apresentou situação fiscal difícil ou crítica, principalmente devido ao indicador de Investimentos. De acordo com os quatro indicadores, cada cidade é classificada nos conceitos de Gestão de Excelência, com resultados superiores a 0,8 ponto; Boa Gestão, entre 0,8 e 0,6 ponto; Gestão em Dificuldade, entre 0,6 e 0,4 ponto; ou Gestão Crítica, inferiores a 0,4 ponto.

“Não podemos perder a oportunidade de aprofundar o debate a respeito da estrutura federativa brasileira. Sem isso, toda a sociedade continuará sendo penalizada com serviços públicos precários e um ambiente de negócios pouco propício à geração de emprego e renda”.

QUASE DUAS MIL CIDADES BRASILEIRAS NÃO SE SUSTENTAM]

Com base no indicador de Autonomia, o IFGF revela que 1.856 cidades brasileiras não se sustentam, já que a receita gerada localmente não é suficiente nem para custear a Câmara de Vereadores e a estrutura administrativa da Prefeitura. Em média, esses municípios gastaram, em 2018, R$ 4,5 milhões com essas despesas e geraram apenas R$ 3 milhões de receita local.

A análise geral dos dados mostra que o indicador de Autonomia teve o pior resultado no país, com 0,3855 ponto. A Firjan destaca que, para garantir pelo menos a autonomia em relação aos custos de existência, seria preciso que as cidades que não se sustentam aumentassem os recursos próprios em 50%. Porém, de acordo com os cálculos do estudo, isso é pouco provável especialmente no cenário em que elas experimentaram aumento real de apenas 9,6% de sua receita local nos últimos cinco anos.

O segundo principal problema das cidades, de acordo com o IFGF, é a alta rigidez do orçamento por conta dos gastos com pessoal. O indicador mostra que 821 prefeituras estão fora da lei por comprometer em 2018 mais de 60% da Receita Corrente Líquida (RCL) com a folha de salário do funcionalismo público. Outras 1.814 gastaram mais de 54% da receita com esse tipo de despesa e já ultrapassaram o limite de alerta definido pela Lei de Responsabilidade Fiscal. O indicador de Liquidez aponta que 3.054 cidades (57,2% do total analisado) não planejaram o orçamento de forma eficiente. Entre elas, 1.121 terminaram o ano de 2018 sem recursos suficientes em caixa para cobrir as despesas postergadas para o ano seguinte. Em relação aos Investimentos, a conclusão é que 2.511 prefeituras (47% do total analisado) destinaram, em média, apenas 3,1% de sua receita total para essa finalidade.

Considerando os quatro indicadores, a conclusão é que 3.944 municípios (73,9% do total analisado) registram situação fiscal difícil ou crítica, incluindo nove capitais: Florianópolis, Maceió, Porto Velho, Belém, Campo Grande, Natal, Cuiabá, Rio de Janeiro e São Luis.

De acordo com o gerente de Estudos Econômicos da Firjan, Jonathas Goulart, o cenário é de crise fiscal municipal, potencializada e incentivada por questões estruturais. “Temos hoje uma baixa capacidade de geração de receitas para o financiamento da estrutura administrativa, além de alta rigidez do orçamento por conta dos gastos com pessoal. Com isso, há dificuldade para um planejamento eficiente e os investimentos são penalizados”.

O presidente da Firjan, Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira, ressalta a importância de se avançar com as reformas estruturais do país. “Não podemos perder a oportunidade de aprofundar o debate a respeito da estrutura federativa brasileira. Sem isso, toda a sociedade continuará sendo penalizada com serviços públicos precários e um ambiente de negócios pouco propício à geração de emprego e renda”.

A Firjan destaca a necessidade de reformas em três frentes para a retomada do crescimento sustentável: distribuição de recursos, obrigações orçamentárias e organização administrativa. Sobre a distribuição de receitas, a Federação das Indústrias do Rio ressalta a importância da reforma tributária, incluindo o Imposto sobre Serviços (ISS), e a revisão das regras de distribuição do Fundo de Participação dos Municípios (FPM).

Em relação às obrigações orçamentárias, estão incluídas as reformas administrativa e previdenciária. Já a frente relacionada à organização administrativa trata da revisão das regras de criação e fusão de municípios e de competências municipais.

IFGF - Resumo

- Foram avaliadas as contas de 5.337 municípios, onde vive 97,8% da população brasileira.
- O mapa da gestão fiscal dos municípios brasileiros mostra um país em estado de alerta: 3.944 cidades (73,9%) foram avaliadas com gestão fiscal difícil ou crítica.
- O IFGF é composto por quatro indicadores:

IFGF Autonomia – 34,8% das prefeituras não se sustentam: não geram receitas suficientes para financiar sua estrutura administrativa.

IFGF Gastos com Pessoal – 49,4% das cidades em situação crítica: gastam mais de 54% da receita com pessoal.

IFGF Liquidez – 21% das prefeituras no “cheque especial”: terminaram 2018 sem recursos em caixa para cobrir as despesas postergadas para o ano seguinte.

IFGF Investimentos – 47% dos municípios com nível crítico: investem em média apenas 3% da receita.

AGU defende competência do TCU para decretar indisponibilidade de bens

A Advocacia-Geral da União (AGU) defendeu, no mês passado, no Supremo Tribunal Federal, a legalidade de acórdãos do Tribunal de Contas da União (TCU) que decretaram a indisponibilidade de bens para garantir a reparação futura de prejuízos sofridos pelos cofres públicos. Em memorial distribuído aos ministros do STF, a AGU pede a rejeição de cinco mandados de segurança contra as decisões do TCU movidos pelas construtoras OAS, Odebrecht e outros. Uma liminar do ministro Marco Aurélio, relator do caso, suspendeu a decisão do tribunal de contas.

Os autores dos processos alegam que o TCU não teria competência para decretar a indisponibilidade de bens pessoas que não exercem função pública. As medidas foram tomadas em 2016 e 2017 após Tomada de Contas Especial que apuraram haver sobrepreço em contratos celebrados pelas empresas com a Petrobras, além de irregularidades em obras do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro.

Já a AGU argumentou que a competência fiscalizatória do tribunal não é determinada pela natureza dos entes implicados na operação e sim pela origem dos recursos envolvidos. Citando a Constituição Federal, o memorial lembra que cabe a "qualquer pessoa, física ou jurídica, pública ou privada" prestar contas, desde que arrecade, gerencie ou administre bens e valores públicos ou pelos quais a União responda.

No documento, a AGU enfatiza que Tribunal de Contas da União possui autorização legal para decretar a indisponibilidade de bens de responsáveis por danos aos cofres públicos pelo prazo de até um ano. Além disso, a Corte tem a prerrogativa de julgar as contas de todos que extraviaram ou cometeram irregularidades que resultaram em danos ao erário. "Não excluindo deste âmbito de fiscalização os particulares", frisou a AGU.

Segundo a Advocacia-Geral, a Lei Orgânica do TCU (Lei 8443/1992) prevê que estão sujeitos à jurisdição do TCU os que participarem de prejuízos causados por agente público, garantindo a responsabilidade solidária de terceiros que concorram para a prática do mesmo ato como contratantes ou parte interessada.

Para a AGU, o intuito da medida foi o de resguardar eventual ressarcimento dos valores malversados. "Se o órgão constitucionalmente incumbido de exercer o controle das contas públicas não dispusesse de instrumentos para salvaguardar suas atribuições (como os são as medidas cautelares nos processos de tomadas de contas), suas próprias existência e legitimidade (legitimação finalística, diga-se) se tornariam questionáveis", diz o memorial.

"Nesse quadro, desconsiderar que a Constituição Federal

outorga à Corte de Contas a atribuição implícita de decretar medidas cautelares significaria a remoção de um instrumento que tem sido essencial ao ressarcimento de prejuízos causados por atos lesivos ao erário", prossegue, acrescentando que o instrumento tem sido eficaz na recuperação de recursos desviados.

Ainda de acordo com a AGU, o assunto já foi discutido na Segunda Turma do STF e em decisões monocráticas que consideraram que o TCU possui atribuições constitucionais e tem observado a legislação ao decretar a indisponibilidade de bens diante de situações graves e da necessidade de proteção do patrimônio público.

Contestando alegação de uma das partes de que a medida constituiria quebra de sigilo bancário, a AGU argumentou que a medida cautelar pode incidir exclusivamente sobre haveres não financeiros. A indisponibilidade dos bens, acrescentou, não tem como objetivo atingir as movimentações financeiras, limitando-se o Banco Central a informar os valores disponíveis nas contas.

Os autores das ações também questionaram a suposta ausência de motivação da medida. Mas a AGU comprovou a fundamentação das cautelares com base no chamado periculum in mora (perigo da demora), diante do elevado débito potencialmente causado, tendo o TCU individualizado, nos acórdãos que publicou, a relação de cada um dos impetrantes com os possíveis atos ilícitos.

"A decretação da medida cautelar de indisponibilidade de bens dos responsáveis foi medida que se impôs para assegurar o desfecho da análise de mérito processual, garantindo o ressarcimento do potencial dano ao erário", conclui a Advocacia-Geral, pedindo para que os mandados de segurança não sejam concedidos.

Referência: Mandados de Segurança: 34.410, 34.392, 34.357, 35.506 e 34.421.

Expediente

O Instituto Brasileiro de Executivos de Finanças - IBEF Rio de Janeiro criado em 19 de maio de 1971, na cidade de sua sede nacional, o Rio de Janeiro, é uma entidade sem fins lucrativos considerada de utilidade pública nas esferas de governo federal, estadual e municipal, apartidária e que reúne os principais executivos e empresários do país.

Avenida Rio Branco, 156/4º andar Ala C - Centro - Rio de Janeiro, RJ - CEP:20040-003
Tel: (21) 2217-5555/5566 / ibefrio@ibefrio.org.br
Institucional: ibefrio.org.br / Programação: agenda.ibefrio.org.br / Locação de Ambientes: loc.ibefrio.org.br

BIÊNIO 2019/2021 - IBEF RIO DE JANEIRO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente - *Ricardo Emmanuel Vieira Coelho*

Vice-presidente - *José Domingos Vargas*

Membros - *Gustavo Carvalho Pierotti, Jorge Saul Doctorovich, Manuel Fernandes Rodrigues de Sousa, Márcio João de Andrade Fortes, Mônica Oliveira Costa Pinto Bendia, Sérgio Burrowes Raposo e Thomas Klien*

DIRETORIA VOGAL

Consultar em: *www.ibefrio.org.br/secoes/page/64/Diretoria-Vogal*

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente - *Gustavo Damázio de Noronha*

1º Vice-presidente - *Sergio Burrowes Raposo*

Vice-presidentes - *Fernando Potsch de Carvalho e Silva, Mônica Oliveira Costa Pinto Bendia e Patricio Marques Roche*
Secretário Geral - Marcos Chouin Varejão

CONSELHO FISCAL

Presidente - *Claudio Roberto Contador*
Membros - *Luiz Affonso Neiva Romano e Paulo Sérgio Costa Lima Marques*
Suplentes - *Gustavo Tavares da Cunha Mello, João Carlos Reichmann Mader e Roberto Bar*

Revista IBEF

Conselho Editorial
Eduardo Facó Lemgruber, Henrique Luz, João Paulo dos Reis Velloso, José Gandelman, Márcio Fortes, Marcos Chouin Varejão, Merval Pereira, Nilton Molina, Roberto Lima Netto, Sidney Rezende, Theophilo de Azeredo Santos e Valmar Paes

Editor Responsável
Eduardo Cantidiano

Jornalista
Vilma Goulart (MTB 18585)

Distribuição
Simone Lira

Programação Visual
Red Design Comunicação

Fotos
Banco de imagens Red Design
Unsplash

Pesquisa
Wikipedia

Publicidade e Marketing
EC - Editora e Comunicação
Eduardo Cantidiano
e.cantidiano@openlink.com.br
(21) 99619-0771

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução de artigos publicados na Revista IBEF, desde que citada a fonte.
O IBEF não se responsabiliza por opiniões emitidas em artigos assinados.

IBEF
Rio de Janeiro

Associe-se

Desde 1971 representando executivos e empresários

Networking

Publicação de artigos e visibilidade
Palestras e eventos gratuitos
50% off em nossas atividades
50% off nas locações de espaços

www.ibefrio.org.br
associados@ibefrio.org.br

Transformações exigem adaptação para sobrevivência da indústria

*Cláudio Moysés**

Charles Darwin (1809-1882), naturalista inglês, desenvolveu uma teoria evolutiva que é a base da moderna teoria sintética: a teoria da seleção natural. Segundo Darwin, os organismos mais bem adaptados ao meio têm maiores chances de sobrevivência que os menos adaptados, deixando um número maior de descendentes.

Este conceito também pode ser aplicado no mundo corporativo, em que a mutabilidade do ambiente e o acirramento da competição organizacional vão gerar uma nova "seleção", não mais "natural", mas onde sobrevivem as organizações mais adaptáveis e flexíveis – é o Darwinismo Organizacional. As mudanças disruptivas vão trazer também uma nova perspectiva para a Qualidade e teremos de nos adaptar.

Vale lembrar que o que conhecemos como profissão de qualidade teve origem em meados da segunda Revolução Industrial, com os métodos de gestão científica desenvolvidos por Fayol, na França, e Taylor, nos Estados Unidos. A progressão da profissão de qualidade pode ser resumida em quatro fases: qualidade como inspeção, qualidade como projeto, qualidade como empoderamento e, no atual contexto, qualidade como descoberta.

Hoje as empresas precisam oferecer um ambiente inteligente e adaptável, no qual a qualidade deve depender da eficácia com que os profissionais podem descobrir e agregar novas fontes de dados, a exemplo de conhecimentos sobre eles próprios, produtos e organizações.

Os profissionais da qualidade se destacam na resolução problemas estruturados, na tomada de decisões baseadas em fatos e dados e no impulso de mudanças culturais nas organizações para facilitar a melhoria. Neste contexto de transformação, devem se posicionar para liderar estes esforços, o que demanda desenvolver profundamente algumas habilidades.

Para preparar organizações e profissionais a este contexto, que exige adaptação a mudanças e aprendizado contínuo, o Instituto da Qualidade Automotiva (IQA) possui diversos treinamentos, como o curso Ferramentas da Qualidade – Aplicação com Foco em Resultados, que prepara o profissional para aplicar e gerenciar as principais ferramentas da qualidade na organização.

Outro exemplo é a formação em Método de Análise de Solução de Problemas (MASP), que está alinhada a técnicas de abordagem do manual CQI-20: Solução Eficaz de Problemas. Na versão avançada, o treinamento prepara o participante para solucionar problemas de forma sistemática, na medida em que aprende a diagnosticar, prevenir e tratar falhas com uso de ferramentas.

O aprendizado contínuo é o caminho para profissionais da qualidade, que precisam demonstrar pensamento sistêmico, ser capazes de tomar decisão com base em dados, ter liderança para aprendizado organizacional, estabelecer processos para melhoria contínua e entender como as decisões afetam a saúde e o bem-estar da sociedade em geral, como pessoas e comunidades.

**Diretor-executivo do Instituto da Qualidade Automotiva (IQA).*

Experiência = Eficácia

BRANCO

www.brancoconsultores.com

Corp Services Group

- CONSULTORIA TRIBUTÁRIA
- ASSESSORIA JURÍDICA TRIBUTÁRIA
- PERÍCIAS CONTÁBEIS

RIO DE JANEIRO (NOVO ENDEREÇO)
Avenida das Américas, 3434
Bloco 4 - Salas 311 e 312
Condomínio Henrique Simonsen
Barra da Tijuca - Rio de Janeiro - RJ
CEP 22.640-102
Tel.: 21 32315900

SÃO PAULO
Rua Vergueiro, 2087 - Cj. 101
Vila Mariana - São Paulo
CEP 04.101-000
Tel.: 11 5087 8910
Fax: 11 5087 8810

No mundo do futebol, o BRASIL é top
graças ao Mané que consagrou Pelé.

FAÇA SUA ESCOLHA.

Presente em 500 escritórios em 80 países.

29 anos

Lopes, Machado
Auditors, Tax, Consultants & Business Advisers

Independent Member of
BKR
International

55 21 2156-5800

SEDE: Rio de Janeiro - RJ | São Paulo - SP | Recife - PE | Belo Horizonte - MG

novosnegocios@bkr-lopesmachado.com.br | www.lopesmachado.com